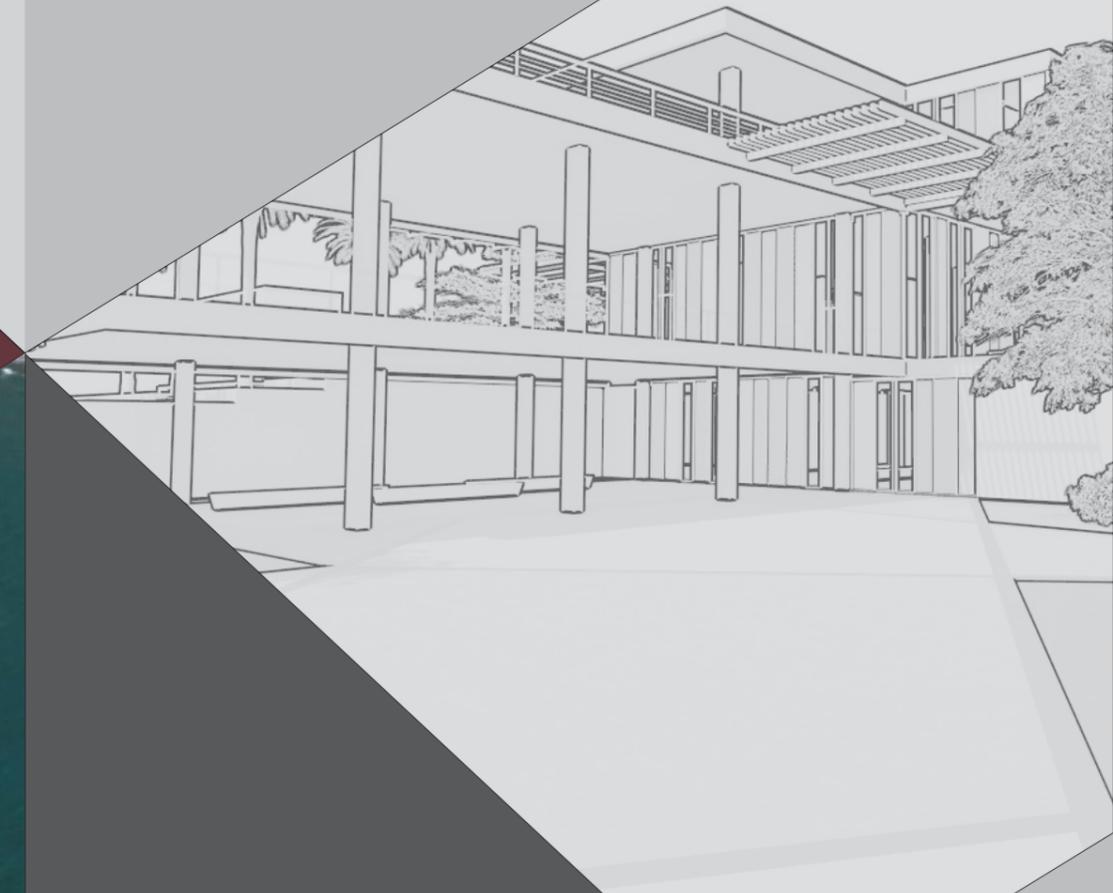


**EXPO**  
**ESTAÇÃO CULTURAL**  
anna bárbara barroso gonçalves



**EXPO**  
anna bárbara barroso gonçalves  
tfg 2015.2





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**  
**CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**ANNA BÁRBARA BARROSO GONÇALVES**

**EXPO - ESTAÇÃO CULTURAL**

**FORTALEZA**

**2016**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

email: falecomba@gmail.com

**ANNA BÁRBARA BARROSO GONÇALVES**

## **EXPO - ESTAÇÃO CULTURAL**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista;

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_.

### **BANCA EXAMINADORA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca do Curso de Arquitetura

---

Prof. Dr. Marcondes Araújo Lima  
Universidade Federal do Ceará

---

GONÇALVES, A. B. B.

EXPO, Estação Cultural / Anna Bárbara Barroso Gonçalves, 2016.

f. : il. color.

TCC (Graduação) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2016.

Área de Concentração: Arquitetura

Orientação: Prof. Dr. Marcondes Araújo Lima

1.Equipamento Cultural. 2.Multifuncional. 3.Espaço Público.

---

---

Prof. Ricardo Paiva  
Universidade Federal do Ceará

---

Arqt. David Pontes

*“Faça de cada coisa um lugar, faça de casa e de cada cidade uma porção de lugares, pois uma casa é uma cidade minúscula e uma cidade é uma casa enorme.”*

Aldo Van Eyck, 1962.

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, por ser a luz que me guia. Além de me dar as melhores oportunidades que alguém poderia ter sem medir esforços em fazer tudo acontecer. Sem ela, simplesmente não sou.

A minha família incrível, pai e irmãos, pelo amor, incentivo, apoio, força e paciência em muitos momentos, sem os quais, eu não chegaria até aqui.

Ao meus arqfriends, Juliana, Victor, Bruno e Bárbara pela amizade verdadeira, mesmo com todas as nossas diferenças. Obrigada por todas as dicas, discussões, conversas e crescimento. Ninguém se forma sozinho em Arquitetura e Urbanismo. Nós conseguimos!

As minhas amigas, pela amizade incessante, que me inspiram de forma criativa e revelam sempre o meu melhor.

Ao Rodrigo, que é meu exemplo em tantas coisas e me impulsiona sempre pra frente, com amor e cuidado, sem deixar que eu desanime um minuto sequer.

A todos os professores que tive durante o curso e, em especial, ao meu orientador Marcondes que, ao longo desses anos, me deu base e motivação para concluir esta etapa, sempre mostrando o caminho da ética e da boa arquitetura.

Obrigada!

## RESUMO

EXPO, Estação Cultural.

Trata-se a preparação de um Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Ceará.

O Projeto escolhido não aborda um problema individual, nem familiar, nem empresarial. Foi abordado neste Projeto a questão da possibilidade de permanência do cidadão fortalezense em acessar e experimentar noções reais de respeito, educação, direito, democracia e, especialmente, liberdade.

A produto final é a proposta de um equipamento que permita a permanência, a vivência, convivência e apreciação da arte numa área adensada e extremamente central. Com objetivo de proporcionar uma nova relação do edifício com o espaço público, a EXPO cria novos espaços e permite novas possibilidades de uso na área.

Palavras Chave: Equipamento Cultural, Permanência, Espaço Público, Multifuncional.

# SUMÁRIO

1

## INTRODUÇÃO

|               |    |
|---------------|----|
| INTRODUÇÃO    | 13 |
| JUSTIFICATIVA | 15 |
| OBJETIVOS     | 16 |
| METODOLOGIA   | 18 |

2

## TEMA

|                 |    |
|-----------------|----|
| O PROBLEMA      | 21 |
| MARGINALIZAÇÃO  | 23 |
| PASSAGEM        | 27 |
| PROGRAMA ABERTO | 28 |
| TITANZINHO      | 29 |

3

## ESTUDO DE CASO

|                      |    |
|----------------------|----|
| SESC POMPÉIA         | 35 |
| PAVILHÃO BIENAL      | 37 |
| PAVILHÃO BARCELONA   | 39 |
| RODOVIÁRIA FORTALEZA | 40 |
| MUBE                 | 42 |

4

## MEMORIAL DESCRITIVO

|                     |    |
|---------------------|----|
| CONTEXTO            | 45 |
| ANÁLISE DA ÁREA     | 49 |
| SÍTIO               | 51 |
| ÁREA DE INTERVENÇÃO | 52 |
| CONCEITO            | 55 |
| PARTIDO             | 56 |

5

## PROJETO

|                  |    |
|------------------|----|
| EXISTENTE        | 59 |
| MASTERPLAN       | 62 |
| DESENHOS         | 63 |
| PERSPECTIVAS     | 65 |
| CONCLUSÃO        | 93 |
| LISTA DE FIGURAS | 95 |



## INTRODUÇÃO

13

Logo que prestei vestibular, escolhi o curso de Artes Plásticas no IFCE, pois a arte sempre foi minha grande paixão.

No segundo ano do curso, incentivada pela minha mãe, e instigada pelo fascínio com as belas curvas e as experimentações com formas, entrei na Arquitetura.

Até então, o que eu entendia sobre tudo isso era a arquitetura enquanto arte, sua beleza e sua história.

A minha maior surpresa durante o curso de arquitetura foi perceber que a grande chave não estava nas construções, e sim nas pessoas.

Se abrirmos uma revista de arquitetura hoje não encontramos fotos de pessoas, encontramos apenas ângulos de um edifício inabitado e os novos materiais que se apresentam ali.

Não percebemos que é preciso ouvir, é preciso observar a vida que já acontece nas ruas todos os dias, estarmos atentos às formas de habitar, conviver e viver os espaços, para então pensar em arquitetura.

É necessário ir além da linguagem formal, porque ser agradável aos olhos não significa que foi construído para atender as necessidades humanas.

O filme *Medianeras* produzido em Buenos Aires, do diretor Gustavo Taretto, discute como as construções mal planejadas podem afetar a rotina das pessoas nas grandes cidades. Nele, o diretor aborda, de forma poética, a influência das construções no comportamento das pessoas.

O filme mostra os prédios que se sucedem sem lógica e a repercussão que essa total falta de planejamento causa na vida das pessoas.

Por isso, acredito que é importante que nós arquitetos estejamos incluídos na sociedade e encaremos de forma responsável o nosso papel transformador dentro na mesma.

Somos, junto aos políticos, o futuro das cidades contemporâneas e para exercer esse papel de forma consciente devemos investigar o *habitat* do homem e todos os seus desdobramentos. E, também, não devemos negar a dinâmica já existente no momento de propor algo novo.

Qual é o ambiente ideal para vivermos?

Todas as nossas escolhas modificam vidas. E é com esse compromisso transformador de vidas que inicio este trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo.

14



Ao lado:  
Figura 01: Capa do filme *Medianeras*.  
Fonte: Internet.  
Figura 02: Foto aérea de Fortaleza.  
Fonte: Régis Capibaribe.  
Figura 03: *Take* do filme *Medianeras*.  
Fonte: Internet.

03

## JUSTIFICATIVA

15

Pensando nesse papel social do arquiteto decidi analisar que tipo de ambientes estamos criando hoje. E dentro da escala da cidade, observar como acontece a permanência do indivíduo no espaço público coletivo.

Sabemos tudo sobre o *habitat* ideal do gorilas, girafas, leões, mas nada sobre o *Homo Sapiens*. Qual é o lugar ideal para essa espécie viver?

Nesse estudo, a liberdade do indivíduo surge para afirmar a relação de pertencimento com o lugar e propor um espaço público sem a consolidação de suas funções, algo que abrigue as atividades da população e contemple os fluxos já traçados pelas pessoas.

O desafio de propor uma arquitetura fora dos padrões limitadores de um mercado medíocre é um potencial de contribuição para o ser humano de forma democrática num novo centro metropolitano de Fortaleza.

Para abranger esse amplo público alvo na região metropolitana de Fortaleza, olhamos para uma região da cidade já consolidada, com uma dinâmica intensa e um forte poder centralizador.

O desafio é criar um projeto que não se aplica a um terreno, a uma rua, a um bairro e sim a cidade. Um projeto que trabalhe a potencialidade da área e crie percurso com possibilidades de permanência. Algo novo, sem barreiras, sem limites.

O projeto potencializa a convergência das muitas e diversas funções necessárias para atender o enorme público a quem se destina de uma maneira educativa, criativa e social, permitindo a convivência democrática e cidadã de todos.

Um espaço aberto que expõe! Expõe os talentos locais e todas as manifestações culturais.

O tema é urgente. As pessoas estão excluídas por portões e catracas com refinados critérios e a rua é o único espaço livre.

E nessa nova dinâmica da vida onde as pessoas são livres para escolher onde querem estar, trabalhar, ocupar, as ruas são tratadas somente como corredores de passagem, sem nenhuma ambiência.

As ruas, na área de estudo deste trabalho, são bem movimentadas, porém, não existe a possibilidade de permanência, de respiro entre esses percursos diários.

Esse é um problema arquitetônico universal, a falta de espaços públicos para convivência em inúmeros centros urbanos.

Portanto, a proposta surge como uma acupuntura urbana, aliviando uma tensão existente de forma transformadora. Alterando a qualidade de vida das pessoas no sentido de elevar o sentimento de pertencimento e oferecer a possibilidade de novas experiências no local.

## OBJETIVOS

### OBJETIVO GERAL

O objetivo principal deste trabalho é lidar com uma nova tipologia arquitetônica a partir da afirmação da liberdade e valorização do indivíduo.

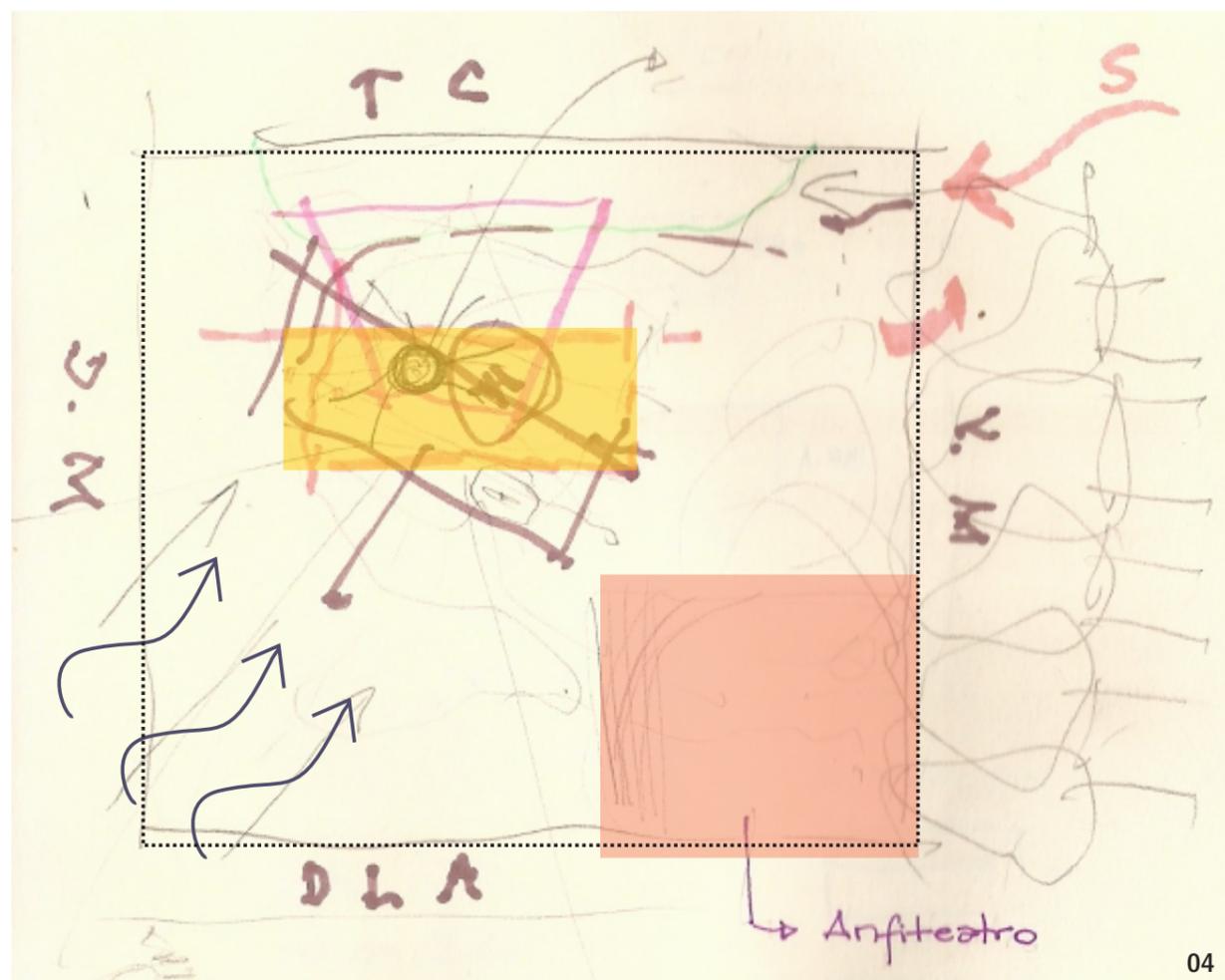
Isso se traduz em uma nova opção mais civilizada de ocupar o espaço público da cidade, desde as calçadas, os recuos e o próprio interior da quadra com diferentes alternativas de lazer, entretenimento, repouso, percursos, destinos, passeios, encontros, experiências artísticas e culturais, segurança e cidadania.

Garantindo assim o direito a uma cidade qualificada a toda a população.

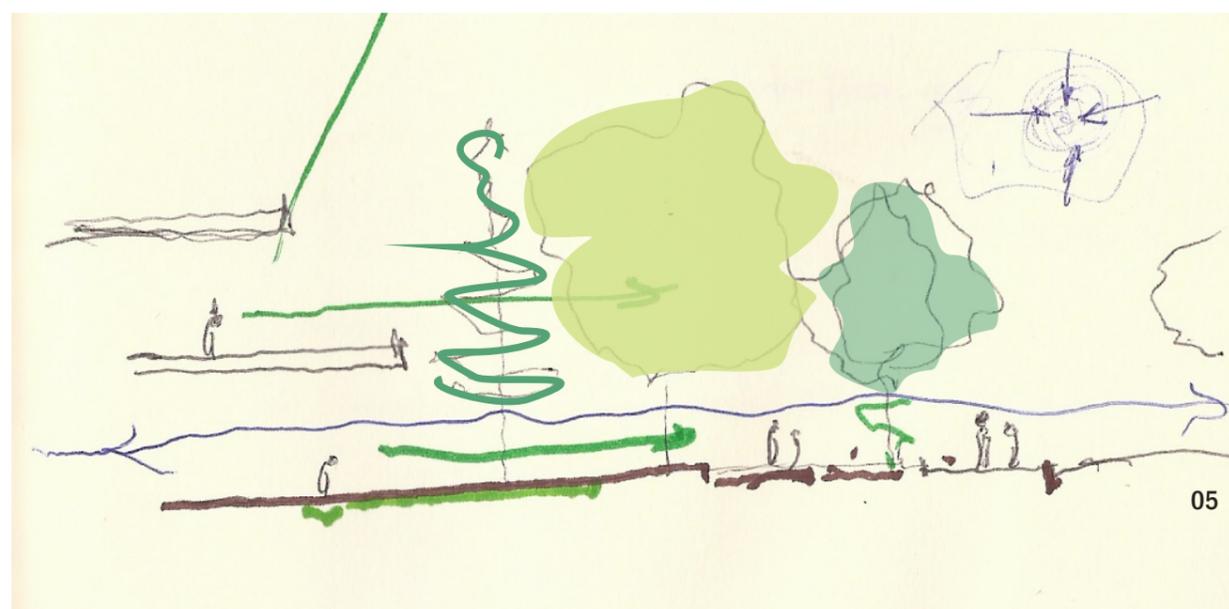
### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Trabalhar com a centralidade desta zona densa da cidade.
- Criar um projeto que qualifique a área e dialogue em harmonia socioambiental com o entorno.
- Definir diretrizes projetuais de ações viáveis e compatíveis com o projeto utilizando instrumentos de desenho urbano e psicologia ambiental.
- Permitir novos usos com a criação desse complexo cultural criado que se conecta e se integra ao entorno.

16



04



05

## METODOLOGIA

Este trabalho teve início na disciplina de análise do espaço público na Universidade Federal de Minas Gerais, cursada enquanto participava do Programa de Mobilidade Acadêmica. Nessa ocasião, foram observados os moradores de rua e os usos alternativos dados por eles à cidade.

Baseado nisso, a metodologia utilizada para a compreensão e desenvolvimento deste trabalho abrangeu primeiramente uma pesquisa de campo dentro da cidade de Fortaleza onde foram mapeados os diversos usos existentes e abrimos os olhos para a arquitetura do cotidiano que ocupa o espaço público.

Nestas visitas de campo registramos tudo em fotos e analisamos *in loco* para a partir desse ponto podermos escolher a área na qual iríamos trabalhar.

No segundo momento fizemos a coleta de dados e o estudo detalhado do contexto em que o terreno está inserido para definir o programa de necessidades e traçar as estratégias para o local.

Em paralelo, aconteceu a pesquisa bibliográfica utilizando livros, teses, *sites* e periódicos onde pudemos ver estudos de caso de projetos similares e com a mesma abordagem do espaço público no âmbito nacional e internacional, analisando seus sucessos e falhas.

Ao lado:

Figura 04: Croqui do terreno. Fonte: Autora.

Figura 05: Croqui de um corte. Fonte: Autora..

Esse procedimento foi de grande importância na elaboração da pesquisa e contribuiu na definição de estratégias para intervir na área de estudo.

Além disso, foi utilizada uma pesquisa explicativa com intuito de coletar dados, a partir de entrevistas informais com transeuntes e pessoas que habitam a área.

As entrevistas e visitas de campo possibilitaram a aproximação ao grupo de pessoas que residem e transitam no local, provendo melhor entendimento da área e das escalas espaciais em estudo, através de experiências reais.

## ESTRUTURA

No próximo capítulo teremos a exposição da problemática e todas as questões que envolvem o tema.

No Capítulo 03 ilustraremos alguns estudos de caso junto à análise dos seus efeitos e da sua eficácia.

Na sequência o Memorial Descritivo apresentará a escolha do sítio, o contexto, diagnóstico, análise da área e as estratégias.

Por fim, teremos o projeto, baseado na abordagem teórica levantada e todos os seus desenhos técnicos.



2

TEMA

## O PROBLEMA

21

De acordo com Lúcio Costa a arquitetura é construção, construção com o objetivo de organizar o espaço para alguma finalidade.

Podemos dizer que a cidade contemporânea hoje é bem mais do que esses espaços construídos, é bem mais do que sua arquitetura. Não a definimos mais como um conjunto de arquiteturas e sim como um sistema composto de fluxos, experiências, vivências e escolhas.

Hoje, para entendermos esta cidade é preciso estarmos atentos para a experiência urbana atual já que estamos intervindo numa cidade já consolidada, resultado de um longo e contínuo processo de transformação do território.

A cidade contemporânea não é somente o somatório dos lugares e dos não-lugares, ela não concentra apenas massas de populações, mas desigualdades sociais e territoriais.

São os sistemas complexos de circulação, redes e fluxos coexistindo com os espaços cotidianos que estabelecem essa experiência urbana contemporânea.

Estas redes definem acúmulos de lugares, de pontos que concentram o encontro de distintos fluxos de circulação e de malhas urbanas que necessitam se conectar e é aí onde surgem os espaços subtilizados e degradados.

Esta é uma das principais demandas atuais: espaços ociosos que devem ser resgatados e reintegrados à vida urbana, sendo geradores de projetos e potencialidades do estar urbano.

Por outro lado, existem espaços que não foram pensados para determinados usos, mas que atraem as pessoas e convidam a serem ocupados de diferentes formas.

Cabe à arquitetura dar forma a estes lugares, com flexibilidade, fluidez e uma natureza capaz de moldar-se às exigências de um espaço dinâmico e mutante.

A arquitetura deve, portanto, ir além do egocentrismo do arquiteto enquanto artista criador, e responder às necessidades urbanas e sociais.

Para intervir nessa cidade já estabelecida, nesse complexo de relações já existentes, os grandes planos de domínio já não parecem tão eficazes e surgem as novas e promissoras intervenções urbanas pontuais.

A complexidade urbana atual necessita desse planejamento que ao contrário da ação genérica modernista passa a propor ações locais com maior poder transformador.

E, para que seja de fato transformador temos que treinar uma visão mais detalhada e impregnada de novos significados ou perdermos a oportunidade de criar novos espaços.

Inúmeros são os países que, em nome da elevação da qualidade de vida e necessidade de revitalizar espaços esvaziados de seus usos obsoletos, estão em busca de ações cujo objetivo é o de resgate da condição de lugar, reintegrando-os à vida social e à cidadania.

A melhoria da qualidade de vida e a ênfase na revitalização do espaço público estão na ordem do dia. É um problema imediato e urgente.

Ao lado:  
Figura 06 - R. Guilherme Rocha, primeira rua de pedestres da cidade.  
Fonte: Fortaleza em Fotos.  
Figura 07 - Homem no banco da Av. Beira Mar.  
Fonte: Foto da autora.  
Figura 08 e 11 - Praça da Gentilândia.  
Fonte: Foto da autora.  
Figura 09 - Camelôs Mercado Central.  
Fonte: Diário do Nordeste  
Figura 10 - Rede na rua Senador Pompeu.  
Fonte: Foto da autora.  
Figura 12 - Duelo de Mc's Viaduto em BH.  
Fonte: Foto da autora.



22

## A MARGINALIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

23

A principal característica do espaço público é permitir conectar lugares e pessoas de todo tipo e procedência em qualquer momento. Portanto, o espaço público é o mais democrático da cidade ao facilitar o intercâmbio mais heterogêneo em tempo, espaço, idade, gênero e nacionalidade.

A primeira percepção que temos do lugar vem através do espaço público na forma de praças, calçadas, parques e jardins, ruas e avenidas. Do impacto que ele produz, será criado um ato de repúdio ou aproximação do local e, por extensão à cidade.

A rejeição é imediata quando encontramos um espaço público degradado. Se não está bem iluminado, se não possui atividade noturna que o anime, será percebido como perigoso e muito provavelmente é; Se os edifícios que o circundam possuem funções inapropriadas ou estão degradados, ninguém os procurará para passar seu tempo livre e interajam socialmente.

O uso das edificações que contornam o espaço público é fator determinante para o que acontece nele. A monofuncionalidade a que foram condenadas muitas áreas centrais em geral, somado ao esvaziamento de habitações, gerou um grande desequilíbrio entre os horários de uso. Durante o dia tornam-se centros caóticos, cheios de odores e ruídos, mas quando fecham os estabelecimentos com atividades terciárias, os lugares voltam a ser solitários e geram insegurança ou a sensação dela.

Quanto maior é a deterioração do patrimônio, maior o sentimento de insegurança e quanto maior a insegurança maior o esvaziamento do espaço público que contribui para a deterioração do patrimônio. É um ciclo de efeitos negativos.

Essa marginalização do espaço público é portanto uma das mais claras percepções que carregamos dos grandes centros urbanos

e implica uma grande quantidade de péssimas experiências com os lugares os quais visitamos.

Os espaços públicos se tornam assim lugares de especial importância no cenário da recuperação urbana como elementos dinamizadores, pois quando são renovados geram automaticamente sintomas positivos, atraindo mais pessoas e recursos. Sua reconquista garante o enfrentamento de muitos conflitos, cuja solução é um dos principais desafios para o desenvolvimento.

Intervir no espaço público implica a concentração e coordenação de uma série de ações com um resultado muito visível e multiplicador, que garante o retorno e apropriação das zonas centrais por parte da cidadania, com o melhor cenário para retomar a prática cidadã perdida.

A deterioração generalizada, social e física, que cria uma imagem de abandono e marginalidade, atua desfavoravelmente na percepção das zonas centrais, acentuando a tendência a se tornarem mais “criminosas” e definindo-os como lugares perigosos.

A cidade tradicional é cada vez menos usada em seu sentido de socialização através de seus espaços públicos que ofereceram em suas origens a possibilidade de interagir com o outro, de fazer acontecer a diversidade, de poder cruzar-se numa rua ou praça com os vizinhos e de serem aproveitados por crianças e jovens.

Perdemos com isso as possibilidades de troca entre as pessoas por conta da insegurança que provoca estes ambientes degradados além de aumentar o sentimento de individualidade.

Os vizinhos não se conhecem, as crianças não brincam na rua e nem suas escolas estão no bairro. A vida é feita a portas fechadas, acabando com a socialização.

Vivemos numa cidade setorizada e que atende ao nível de consumo de seus “clientes”, não mais de seus cidadãos. Cidade onde a reclamação por espaços públicos de qualidade é uma constante.

O espaço público deve ser uma conquista democrática. E essa conquista implica iniciativa, conflito e risco, mas também legitimidade, força acumulada, alianças e negociação.

A grande quantidade de automóveis nas cidades hoje é outro fator que gera essa marginalização do espaço público, uma vez que as ruas passam a ser corredores de passagem e não espaço de vivência urbana.

A falta de convite a ocupar o espaço público gera insegurança, e essa insegurança cria cada vez mais redomas para a população. As pessoas se fecham em seus mundos e isso se reflete nas fachadas que são grandes muradas, quase sem aberturas.

É necessário lembrar que a fachada, apesar de ser parte do edifício privado, também conforma o espaço público e tem, portanto, enorme influência na percepção do lugar. Essa zona de fronteira merece um tratamento digno trazendo qualidade para a cidade.

Essa prática separatista do público com o privado e ausência de comunicação entre os mesmos é um dano para a população e interfere diretamente na qualidade da imagem urbana transmitida pela cidade.

Para o desenvolvimento é necessário recuperar o espaço público e facilitar novas formas de viver estes espaços garantindo os cinco aspectos fundamentais: conectividade, mobilidade, funcionalidade, segurança, comodidade e beleza.

E para que essa evolução ocorra, precisamos modificar a nossa mentalidade e ir contra a

correnteza. Buscar novas soluções dentro de uma sociedade onde a velocidade é mais importante do que a qualidade de vida.

Planejar esses espaços é uma questão essencial para a saúde da sociedade e dos indivíduos. E é o que tornará mais amável o uso da cidade através de seus espaços públicos e irá gerar outras novas formas de ocupar.

O espaço público será um lugar para ser desfrutado por todos e onde todos sairão ganhando tanto individualmente como enquanto coletivo.

24

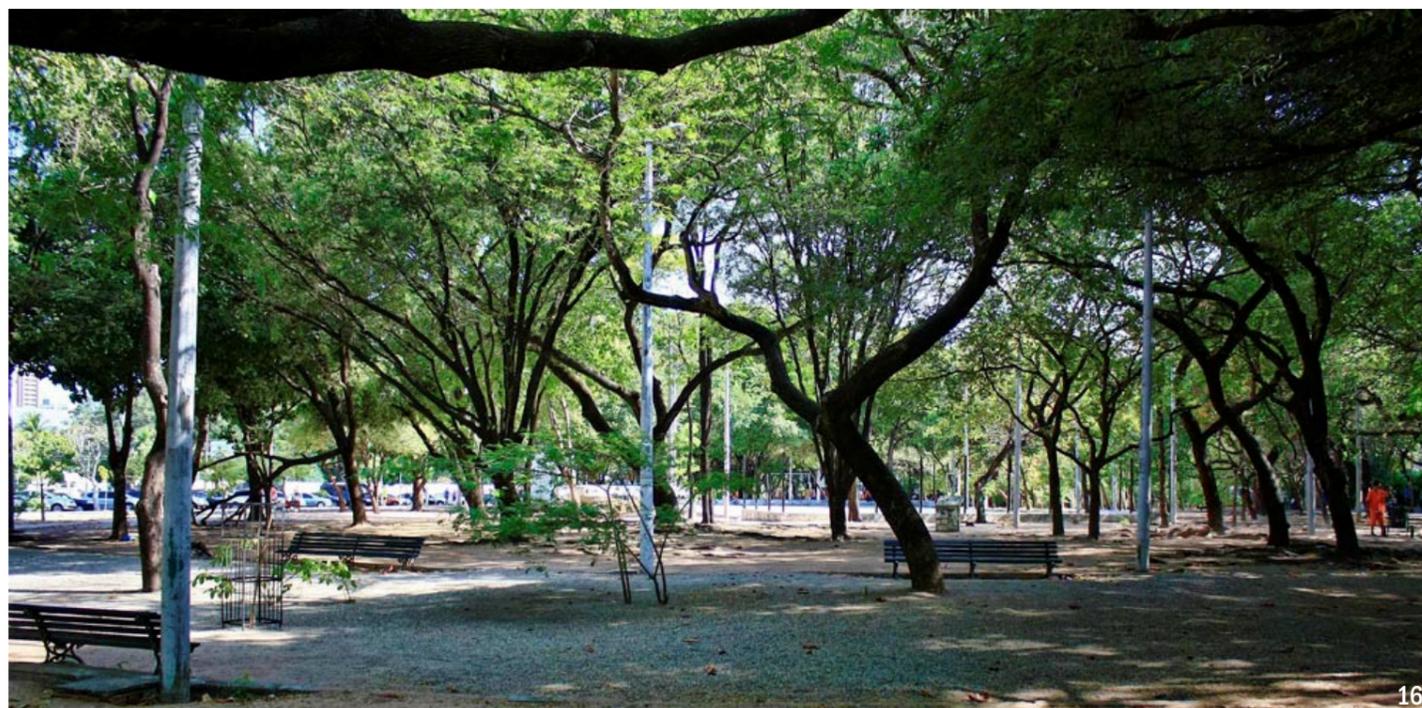


Figura 13 - População de rua no centro de Fortaleza. Fonte: Francisco Castro.  
 Figura 14 - Praça em Bunitis, São Paulo. Fonte: Internet.  
 Figura 15 - Encontro de estudantes em Belo Horizonte. Fonte: Foto da autora.  
 Figura 16 - Praça do Hospital Militar em Fortaleza. Fonte: Régis Capibaribe.



Figura 17 - Praça em Pacatuba. Fonte: Opovo Online.  
 Figura 18 - Espaço Público em Manaus. Fonte: Internet.

## PASSAGEM X PERMANÊNCIA

27

O espaço público pode ser entendido como a confluência de duas práticas: passagem e permanência.

A análise sobre estes fluxos e fixos na cidade é um importante indicador de desempenho dos espaços. E para garantir a qualidade das experiências vividas na cidade é necessário haver um equilíbrio entre esses usos. Circular é necessário e pausar é preciso!

Os centros urbanos de hoje não oferecem a possibilidade de permanência e essa é uma demanda urgente.

Elisângela Person explica em sua pesquisa que os espaços de permanência devem ocorrer tanto de forma pontual, ou seja, em lugares pré-estabelecidos para o lazer e a convivência das pessoas, como de forma linear, em calçadas e ruas, no caso das calçadas serem ambientalmente adequadas à permanência das pessoas.

O arquiteto dinamarquês Jan Gehl acredita que com o conhecimento sobre essas conexões na forma da cidade e sobre o comportamento humano é possível identificar situações mais ou menos favoráveis para a vida pública. Outra coisa que ele afirma é que as pessoas não escolhem permanecer em determinados lugares, o espaço favorece aquele momento de pausa.

Munidos dessa informação podemos propor de uma melhor forma, espaços de convivência dentro destes fluxos de passagem já existentes na malha urbana.

Esses fluxos acontecem através das ruas e calçadas, que para Jane Jacobs, a autora de *Morte e Vida das Grandes Cidades*, são os órgãos mais vitais da cidade, já que são nelas que os diálogos entre o homem e a cidade se estabelecem.

Observando esses diálogos podemos entender a forma como a cidade se comunica

com seus habitantes e vice-versa.

Dentro da cultura imediatista atual, as ruas são somente suporte para o deslocamento, mas devem ir além disso e serem tratadas como o espaço que propicia trocas de todas as formas, tornando-se local ideal para o exercício da cidadania, o que de fato ela é.

São nelas que ocorrem os múltiplos encontros, manifestações públicas, diversidade de uso e apropriação dos espaços pelos transeuntes.

A compreensão da cidade enquanto desenho urbano prevê outros pontos para exercer a função de local de acolhimento e troca: as praça, os parques, etc, e outro fator surge como decisivo no desempenho desses locais: a segurança.

Jane Jacobs ao analisar a questão da segurança das ruas, nos mostra que uma rua movimentada consegue garantir a segurança, uma rua deserta não. Segundo a autora, quando as pessoas se apropriam do espaço da rua e da calçada, elas a tomam para si e, portanto, cuidam das relações que ali se desenvolvem e o que é mais importante do que a polícia para garantir a segurança de determinada rua é o trânsito ininterrupto de usuários.

Através de sua obra, ela nos mostra que uma vez que o espaço é limitado e não favorece a troca, o convívio e o contato com o outro, surge um espaço impessoal, justamente por não possibilitar as relações, e geram pessoas anônimas. Podemos observar neste local que os espaços privados prevalecem comparados aos espaços públicos tão caros para a constituição da cidade.

Devemos, portanto, propor espaços com qualidade de vivência para gerar pessoas ativas, pertencentes ao espaço, atuantes e criadoras de relações reais.

## O PROGRAMA ABERTO

A cidade é um organismo vivo em constante processo de mutação e desde sua origem ela é palco da diversidade, da interação e da troca.

Sua vitalidade está presente em seus diversos espaços e edificações, sejam centrais ou periféricos, e também nas ruas e avenidas, que são espaço público por excelência, e que juntos definem a paisagem urbana e que nos ajuda a entender a dimensão social e histórica do espaço.

Desprezar a diversidade e a potencialidade local nas grandes cidades é comprometer o sucesso de seu planejamento.

O programa aberto é uma das ferramentas mais assertivas na construção de espaços democráticos e livres, capazes de garantir esse sucesso nas cidades.

De acordo com Moneo, o arquiteto Koolhaas é um dos maiores defensores do programa aberto, ele escreve que para Koolhaas o programa é muito mais difuso e muito menos diretamente relacionado com a obra a ser construída. O programa é uma categoria que propicia a construção de edifícios imprecisos e abertos. E a excessiva dependência do programa é o que Koolhaas tenta evitar.

Koolhaas acredita que onde nada há, tudo é possível e onde há arquitetura nada mais é possível. Essa afirmação não nega o papel do

arquiteto, só o coloca de forma responsável no projeto, desenvolvendo uma arquitetura consciente das transformações e necessidades da sociedade contemporânea.

Dentro dessa sociedade carente de recursos e que visa a sustentabilidade, todo investimento em construção deve ser aproveitado e proposto de forma inteligente. É importante que os edifícios não sufoquem as potencialidades locais, e sim as intensifiquem, abrigando uma grande variedade de usos que possam garantir sua utilidade em todos os períodos do dia, sem deixar que os mesmos sejam sub aproveitados.

O arquiteto deve atuar portanto como um catalisador, capaz de interpretar e reorganizar as necessidades e anseios das comunidades contemporâneas.

Deve, também, pensar na preservação e melhoria dos espaços públicos para criar uma rede capaz de gerar ocupação, segurança e interesse, definindo áreas de passagem, permanência e reunião.

O programa aberto por ser livre não significa a ausência de planejamento, ele traz a liberdade baseado na dinâmica dos espaços, legitimando as ocupações existentes e sugerindo novas e infinitas formas de ocupar.

28

## A MINHA EXPERIÊNCIA NO TITANZINHO

29

A praia do Titanzinho fica localizada no bairro serviluz e pela sua marcação no mapa, pode ser considerada a esquina mais privilegiada do litoral de fortaleza, entre o porto do mucuripe e a praia do futuro, é local de uma paisagem única e linda.

Porém, é um local negligenciado pelo poder público, que após uma tentativa de implantar um estaleiro no local, abandonou ainda mais o bairro.

O cenário é um aglomerado de casas humildes que, apesar das dificuldades, celebram o cotidiano praieiro, a tradição da pesca, o poder do surfe, a força da juventude, a sabedoria dos mais velhos e a alegria de uma vida simples.

E foi pensando nessas potencialidades que no ano de 2010 criamos o projeto social Onda do Bem que buscou transformar o espaço com a união e esforço de todos os voluntários e moradores, vislumbrando promover uma mudança que fosse além do espaço e alcançasse também as pessoas.

Tendo o mar como tema da nossa transformação, intervimos na área em frente ao mar criando um oásis na comunidade do Titanzinho. Um oásis moderno é um ponto de luz cheio de esperança e beleza em meio ao deserto social e ambiental da comunidade. um espaço físico que promova vida, alegria e restauração.

A pergunta motivacional de recrutamento do voluntários era: O que você está fazendo nesse momento para ajudar a transformação no mundo?

E o retorno foi surpreendente. Encontramos muitas pessoas dispostas a transformar que não sabiam onde depositar essa energia. Recrutamos assim, muitos voluntários, e devido ao ambiente acadêmico, a grande maioria dos participantes foram estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

O Projeto ocorreu durante a Segunda quinzena do mês de novembro, em 2010. E foi baseado na metodologia desenvolvida pelo Instituto Elos, grupo de arquitetos e ativistas da cidade de Santos, que transformam comunidades através de mutirões.

A metodologia envolve 5 passos:

\* O OLHAR - Onde os voluntários visitam pela primeira vez a comunidade e ficam em estado apenas de observação.

\* O OUVIR - Momento em que os voluntários escutam a comunidade, todos os seus anseios e identificam as potencialidades do local.

\* O SONHO - A partir dessas percepções é definido o que será feito no projeto e apresentado de forma clara para a população.

\* MÃO NA MASSA - Os dias em que a ação domina e tudo é realizado em completa parceria com a comunidade, voluntários e parceiros.

\* A CELEBRAÇÃO - O momento de celebrar o que foi feito e todos os laços criados ali.

Nas reuniões com a comunidade, foi onde definimos que os sonhos eram colorir as casas de frente ao mar com alegria e com coletividade colocando a mão na massa para construir também um espaço para as crianças e mobiliário urbano.

Transformamos, portanto, as casas em frente ao mar em uma galeria a céu aberto, um lugar cheio de cor e vitalidade. Um total de 33 casas foram coloridas pelos voluntários e pela comunidade. dentre estas, aproximadamente 14 foram ilustradas por artistas locais, tendo como inspiração o surfe e o mar.

Além disso, construímos uma área de lazer para a população com brinquedos, projeto de paisagismo, barras para malhação, mesinhas de jogos e churrasqueira comunitária.

Ainda contamos com a ajuda de parceiros para que também acontecessem durante o projeto oficinas variadas, exposição de fotografia, dicas e cuidados de saúde, dentre outras atividades.

No última dia do projeto, finalizamos com um grande evento que celebrou, além da conclusão desta etapa, a festa de natal da comunidade.

Este projeto modificou profundamente a comunidade, o espaço físico e seus voluntários e esta transformação foi um chamariz, para que a sociedade, as empresas e o governo, passassem a perceber o potencial deste povo - principalmente dos jovens atletas - e as belezas do local, ajudando assim a construir um futuro melhor aos moradores do Serviluz e fazendo com que o Titanzinho seja cuidado e melhor preservado.

Este bilhete transcrito, recebido das mãos de um jovem morador do Titanzinho, ilustra bem o que aconteceu durante este projeto e nos faz entender a importância de ações desse tipo, onde a comunidade tem voz e transforma junto.

*"Eu sempre dizia que morava no paraíso, pelo deslumbre da paisagem da minha janela e pelos meus queridos amigos que aqui residem. sou então um sortudo por tudo isso. eu imaginava que neste lugar tudo poderia ser perfeito, ou pelo menos sonhar com uma perfeição seja ela ínfima ou infinita, hoje eu digo que moro em um paraíso concreto, por sua magnitude visual e por nesse paraíso recebermos visitas de alguns SERAFINS ou Bárbaras... Saras... Pedros... Sérgios... não importa a nomenclatura, o que importa é o coração.*

*Com vocês vieram as cores, os tons, as inspirações, a união, a compensação, a atitude, o alor de evolução. espero piamente que além da graduação intelectual vocês continuem PHD em solidariedade.*

*E que nessa maré (onda do bem) de sentimentos designativo de admiração, não perpetue apenas em espumas, que ela propague tsunamis de felicitações.*

*E como já dizia um gênio lúdico apaixonado Djavan: (graças a vocês) e tudo nascerá mais belo, o verde faz do azul com o amarelo o elo com todas as cores pra enfeitar amores gris.*

*Hoje eu quero agradecer a vocês pelo alento dado a nossa comunidade. pela diligência exercida ao longo desses dias e principalmente pela beneficência do coração de vocês: obrigado... MUITO OBRIGADO."*

30



Figura de 19 a 29 - Projeto Onda do Bem no Títanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.



## ESTUDOS DE CASO

## SESC POMPÉIA

35

O Sesc Pompéia foi projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi na antiga fábrica dos irmãos Mauser, no coração da Pompéia, bairro operário de São Paulo.

Os antigos galpões foram transformados num centro cultural para manifestações que transformou a vida cultural da cidade e do país. O espaço se perpetuou como um grande atrativo para a população com sua extensa programação cultural, com espetáculos, eventos e exposições de grande importância na vida da cidade.

O principal foco da minha análise desta referência não foi a arquitetura em si, e sim as características do uso e do programa.

O programa é diversificado e se apoia em espaços abertos que foram planejados de maneira a dar uma sensação de amplitude e integração. O mais interessante é que todos se vêem ao mesmo tempo e ninguém nunca está sozinho. A integração é total.

De acordo com André Vainer, participante do projeto que durou nove anos (1977 a 1986), uma grande revolução trazida por Lina foi a forma como a obra foi tocada. Existia um escritório dentro do canteiro de obras e todos os trabalhos e experimentações eram acompanhados de perto, promovendo um grande envolvimento de técnicos, artistas e, sobretudo, operários. O programa e o projeto eram formulados juntos de forma integrada. Era arquitetura de obra feita, experimentada em todos os detalhes.

Como estavam inseridos completamente dentro da área, a equipe pode perceber tudo que aconteciam ali, e nestas vivências encontraram várias equipes de futebol de salão, teatro armador feito com recursos mínimos, baile da terceira idade, churrascos aos sábados, centro de escoteiros mirins e muita criança, e assim, capturaram completamente o lugar. Com isso, Lina sabiamente, constatou: “O que queremos é

exatamente manter e amplificar aquilo que encontramos aqui, nada mais”.

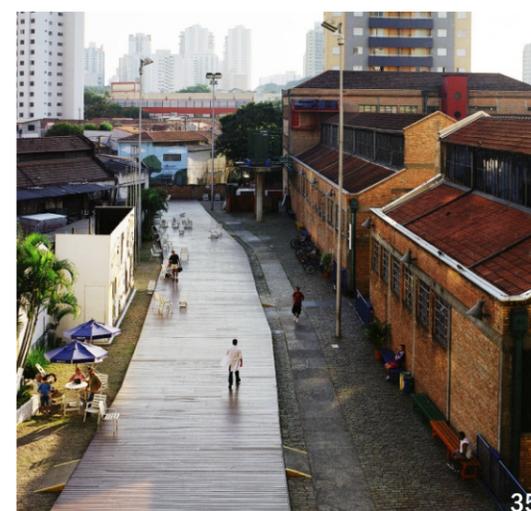
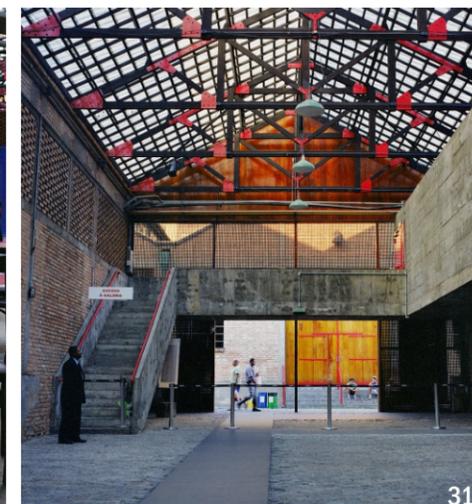
Lina então adotou a formulação de uma programação abrangente e inclusiva, que contemplasse e criasse interesse às diversas faixas etárias e às diversas classes sociais, sem discriminação. E estabeleceu como objetivo para soluções espaciais, trazer a rua com sua vida pública para o interior do edifício. Esta seria a chave para o sucesso do projeto. Uma função da arquitetura. E das mais nobres.

A rua aberta e convidativa, os espaços de exposições, o restaurante público com mesas coletivas, o automóvel banido com rigor, as atividades a céu aberto, tudo fez do SESC Pompéia um local de liberdade, um sonho possível de vida cidadã.

A experiência do SESC Pompéia é indispensável para quem quer refletir sobre o papel da arquitetura na vida da sociedade. Uma chave contemporânea, ativada e ao nosso alcance. É uma experiência arquitetônica que alia criatividade a soluções definidas rigorosamente, liberdade com responsabilidade, riqueza com concisão, poética com ética.

Podemos concluir esta análise com a resposta de Lina sobre o papel da arquitetura no referido projeto, para estudantes que visitavam o SESC Pompéia nos anos 1980: “Arquitetura, para mim, é ver um velhinho, ou uma criança com um prato cheio de comida atravessando elegantemente o espaço do nosso restaurante à procura de um lugar para se sentar, numa mesa coletiva”. E, para arrematar, com a voz embargada de quem desabafa uma vida de trabalho e de sonho por um mundo melhor, disse: “Fizemos aqui, uma experiência socialista.”

Ao lado:  
Figura 30 - Restaurante SESC Pompéia. Fonte: Internet.  
Figura 31 - SESC Pompéia, São Paulo. Fonte: Internet.  
Figura 32 - Edifício SESC Pompéia. Fonte: Internet.  
Figura 33 - Espaço de Convivência. Fonte: Internet.  
Figura 34 - Passarela SESC. Fonte: Internet.  
Figura 35 - SESC Pompéia. Fonte: Internet.



## PAVILHÃO CICCILLO MATARAZZO

37

O Pavilhão Cicillo Matarazzo, antigo Palácio das Indústrias, também conhecido como Pavilhão da Bienal, faz parte do conjunto original do Parque do Ibirapuera em São Paulo, projetado por Oscar Niemeyer.

O pavilhão mede 250 x 50 metros e possui três andares e um pequeno subsolo com o auditório. Sua forma de paralelepípedo com brises de alumínio na sua fachada se diferencia das demais edificações do principal parque urbano da cidade.

Atualmente, o parque abriga grandes eventos expositivos, esportivos, além de ser um grande ícone dos centros verdes urbanos no Brasil.

A principal característica deste projeto é contraste do exterior do edifício com o seu interior. O exterior é pura sobriedade formal e retidão e o interior é dinâmico e monumental com seis mezaninos curvos e rampas que quebram a disposição dos pilares cilíndricos dispostos a cada 10m. Esse contraste gera uma qualidade formal e espacial rica e surpreendente.

Existe um contraste também quando comparamos a planta do Parque do Ibirapuera, seus traços orgânicos e sinuosos e os ângulos retos da planta do pavilhão Cicillo Matarazzo, a sinuosidade do parque e as formas puras das edificações feita inteiramente em concreto, aço e vidro.

A planta é um retângulo sem recortes e compõe um espaço com ótima fluidez, graças a formação de imensos vão livres, rampas sinuosas e amplas aberturas nas vedações externas, que proporcionam uma sensação de amplitude nos 4 pavimentos da edificação.

Esse fator é o ponto de interesse na referencial projetual para este TFG, a planta livre e a amplitude dos salões.

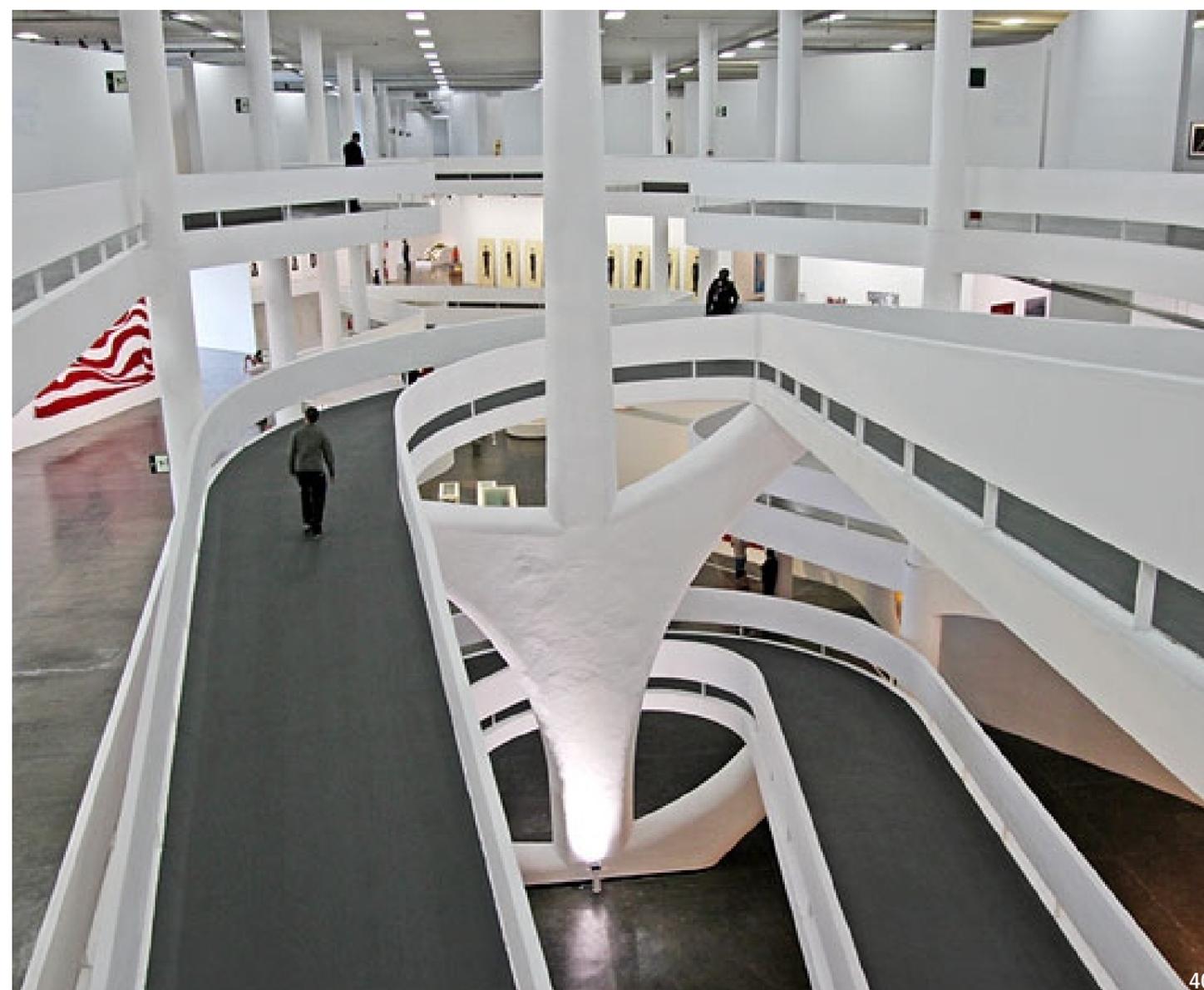
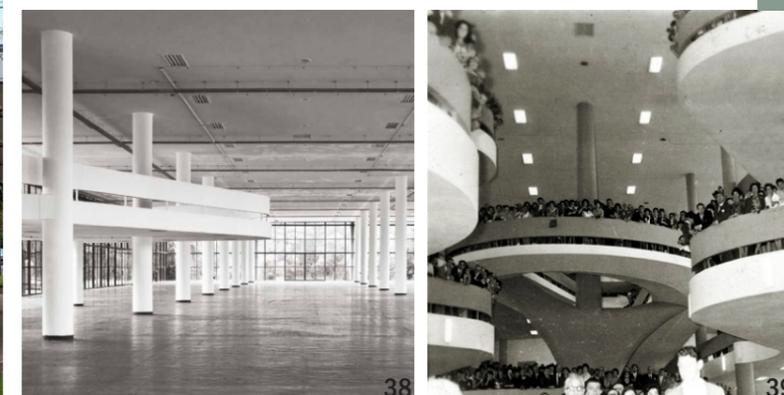
A sensação de liberdade dos salões é ressaltada pelos pés-diretos duplos e triplos criados através dos vazios das lajes, que se apresentam como agentes centrais do projeto, desempenhando a função do espetáculo, com os guarda-corpos que serpenteiam e passeiam pelo pavilhão.

A marquise que se estende pelo verde do parque é parte do edifício e parece convidar à entrada nele.

A planta livre pode ser experimentada de forma plena e curtida nos seus amplos espaços internos. Espaços esses que são adequados ao programa e uso local, destinado à exposições diversas.

Outro sucesso do edifício é a comunicação que ele propicia do interior com o exterior imediato. A forma orgânica do interior se comunica diretamente com a natureza do seu entorno, e o contorno do edifício se torna sutil quando estamos no seu interior devido as grandes janelas abertas na fachada que garantem essa conexão e suavizam a sua implantação.

Ao lado:  
Figura 36 - Marquise de Entrada do Pavilhão. Fonte: Internet.  
Figura 37 - Interior do Pavilhão. Fonte: Internet.  
Figura 38 - Pavilhão da Bienal. Fonte: Internet.  
Figura 39 - Evento no Pavilhão. Fonte: Internet.  
Figura 40 - Passarelas. Fonte: Internet.



## PAVILHÃO BARCELONA

39

O Pavilhão Barcelona foi projetado por Mies van der Rohe para representar a Alemanha na Feira Mundial de 1929 em Barcelona e é considerado um dos maiores marcos da arquitetura moderna.

A clara diferença entre o que é estrutura e o que é vedação, os panos de vidro, o traçado horizontal marcante e a laje plana de cobertura são pontos fundamentais do desenho modernista.

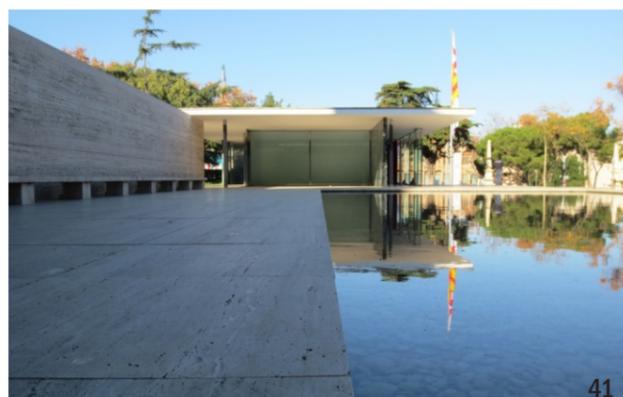
O edifício é marcado pelo contraste no uso de materiais tradicionais como o mármore e materiais industrializados inovadores para a época, com destaque para os pilares de aço. São apenas oito pilares que se tornam evidentes pelo desenho da planta em formato de cruz grega.

O espaço interno é dividido por planos perpendiculares em vidro e pelas paredes revestidas de mármore, criando com isso a divisão dos ambientes.

A planta livre e ampla é o ponto mais marcante nesse estudo de caso. Essa característica dada por Mies favoreceu a conexão do ambiente interno com o externo, onde ficava um amplo pátio com um espelho d'água e uma escultura feminina, a Alba, obra do escultor alemão Georg Kolbe.

Com o término da exposição da Feira, o pavilhão foi demolido. Porém, devido a sua importância, na década de 80 Fundação Mies van der Rohe reconstruiu o edifício em seu terreno original e hoje ele permanece sendo uma das obras que melhor exemplifica os conceitos da arquitetura de Mies.

A concepção do edifício reforça o conceito desmaterialização na arquitetura. A arquitetura de Mies tornou-se somente estrutura e membrana externa ou, como ele mesmo dizia, uma arquitetura de “pele e osso”. A sutileza dos detalhes reforçam o sentimento de vazio do espaço, que segundo Mies, deveria ser preenchido pela vida.



## RODOVIÁRIA DE FORTALEZA

40

O edifício projetado pelo arquiteto Marrocos Aragão foi inaugurado em 1973 e é um dos nossos exemplares da arquitetura. Além de possuir referências formais e construtivas da vertente brutalista, que entre as décadas de 70 e 80 teve um forte influência na arquitetura cearense, principalmente em encomendas de projetos estatais.

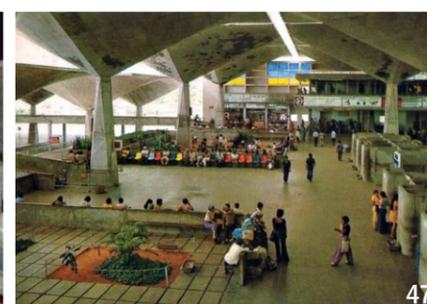
As características presentes do brutalismo são a grande praça coberta, o formato requintado dos pilares, as aberturas zenitais e a utilização do concreto aparente.

Na edificação o destaque está na grande praça coberta por 32 módulos estruturais em forma de grandes parabolóides hiperbólicos em concreto. Os módulos são interligados por berços de acrílico translúcido que permitem a entrada da luz natural.

O resultado é um espaço de passagem que possibilita a permanência de forma monumental e ao mesmo tempo agradável.

Na página anterior:  
Figura 41 - Vista externa do Pavilhão. Fonte: Internet.  
Figura 42 - Escala humana. Fonte: Internet.  
Figura 43 - Fachada. Fonte: Internet.

Nesta página:  
Figura 44 - Detalhe construtivo. Fonte: Internet.  
Figura 45 - Interior da Rodoviária. Fonte: Internet.  
Figura 46 - Embarque e Desembarque. Fonte: Internet.  
Figura 47 - Pátio interno. Fonte: Internet.  
Figura 48 - Aberturas para iluminação. Fonte: Internet.

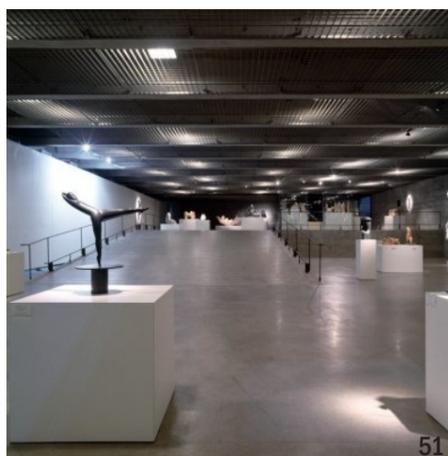




49



50



51



52



53

## MUBE

Esse projeto do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, caracterizou o surgimento de um novo lugar para a cultura, não só pela sua localização dentro da cidade, mas também pelo caráter humanista empregado pelo arquiteto.

Na concepção do projeto, a praça surge como um marco e todas as atividades do museu são postas no sub-solo. O marco é uma grande viga protendida em concreto paralela à avenida. A viga, único elemento construído sobre o solo, é portal de entrada do museu e vira abrigo para todos os tipos de manifestações que acontecem nos platôs que descem seguindo o terreno.

No meio da malha urbana o museu aparece como uma área de respiro e o alargamento das calçadas surge como um convite à quem transita. Uma gentileza urbana penetrável.

Essa escolha de permanecer com as instalações do museu tradicional no subsolo: foyer, recepção, salas de exposição diversas, anfiteatro, restaurante etc, garantem que o nível da rua fique livre para ser experimentado, permitindo uma circulação que se faz por continuidade entre o espaço interior e o exterior do museu.

O museu inteiro, desde as áreas externas até mesmo suas áreas internas, é circulável como uma praça e estende a noção de museu ao próprio território urbano, dando um caráter público ao espaço todo.

O edifício desafia as questões entre espaço interior e exterior, espaço amplo e restrito e entre espaço privado e comum, estabelecendo novas formas de ocupar.

Ao lado:  
 Figura 49 - Mube. Fonte: Internet.  
 Figura 50 - Viga. Fonte: Internet.  
 Figura 51 - Salão de exposições. Fonte: Internet.  
 Figura 52 - Em baixo da viga. Fonte: Internet.  
 Figura 53 - Mube ocupado. Fonte: Internet.

João Cabral fala deste projeto como a somatória do termo arquitetura e do termo urbanismo e afirma que: "sua construção tem em seu cerne a vocação de reequilibrar a relação entre público e privado, entre barreiras e fronteiras, entre espaços fixos e de fluxos. Pois a cidade não se resolve pela destituição de um e a dominação de outro, mas pelo contato estreito, híbrido e heterogêneo das diferenças que se mantém para a construção de um objetivo comum".

O projeto do Museu da Escultura parece ser então um movimento de contracorrente com sua característica única de concepção de museu como espaço público em seu sentido mais amplo. E sua forma de implantação potencializa possibilidades de ocorrência de diversas relações entre público, cidade e cultura. Uma utopia, "uma pedra no céu", nas palavras do arquiteto, frente a um cenário em que é constante a privatização dos espaços públicos para a manutenção de uma certa ordem eleita por alguns em detrimento da coletividade.

Para Paulo Mendes da Rocha, a Modernidade passa pela condição do homem como um ser urbano, habitante das cidades, solidário com seus todos e com o espaço que habita. Por isso cria um espaço sem limites e com poucas contenções físicas para a população, com uma continuidade de circulação e um percepção difusa de centro-fora, em cima-embaixo.

Uma possibilidade construtiva que cria novas qualificações espaciais e assim permite a ocorrência de novas relações entre habitante e espaço urbano. A utopia de território contínuo!



4

MEMORIAL

## CONTEXTO

45

Não podemos apresentar a proposta sem antes macrolocalizá-la na cidade de Fortaleza, pois o projeto não se dissocia da área.

O Bairro Aldeota, onde está situado o edifício, localiza-se na zona norte da cidade de Fortaleza. Ele faz limite com os bairros Meireles, Varjota, Cocó, Dionísio Torres, Joaquim Távora e Centro. Suas principais ruas são Av. Santos Dumont, Av. Dom Luís e Av. Barão de Studart.

Com aproximadamente 45 mil moradores, o bairro já é consolidado e bem servido de escolas, farmácias, shoppings, bancos, livrarias e demais serviços.

Por volta das décadas de 70 e 80, a Aldeota deixava de ser um bairro predominantemente residencial para abrigar atividades comerciais. Desde então, o bairro tem recebido constantes empreendimentos, tornando seu uso misto. É nele que estão localizados vários centros comerciais e as sedes de várias empresas importantes do Estado.

A Praça Eudoro Corrêa, apesar de não possuir nenhum tratamento urbanístico e paisagístico, é um ponto de referência para os moradores de Fortaleza. Mais conhecida como Praça das Flores ou do Hospital Militar, mesmo sem estrutura, ainda recebe os que procuram uma pausa em meio ao caos gerado pelos grandes fluxos da área.

A carência de espaços públicos de socialização é um problema real da área que, assim como outras áreas da cidade, virou espaço de especulação imobiliária, onde os detentores dos meios e do capital organizam, decidem e constroem os espaços da cidade seguindo sempre as suas pretensões empresariais e imobiliárias, muitas vezes, com a conivência do Poder Público.

Essa prática construtiva ainda beneficia a iniciativa privada que, uma vez que não existem espaços públicos seguros, atraem mais consumidores para seus empreendimentos fechados com ilhas de lazer e segurança.

Enquanto essa postura for mantida, teremos um quadro cada vez mais grave de segregação socioespacial, que nega a convivência e o direito da população de sair e encontrar um ambiente saudável para seu lazer e de seus familiares.

Outro problema identificado nesta área é que, apesar da forte centralidade e alta densidade ocasionada pela enorme quantidade de serviços oferecidos nela, o uso é limitado nos momentos diurnos pela falta de atrativo no espaço público, deixando a área deserta durante a noite e nos fins de semana.

O cenário durante o horário comercial é de uma típica área central urbana, muitos carros e transeuntes. E é por isso o local ideal para propor um equipamento público, pois não precisamos deslocar os usuários até o mesmo. O público alvo já está presente.

Figura 54 - Praça Portugal. Fonte: Foto da autora.  
Figura 55 - Praça Portugal, São Paulo. Fonte: Foto da autora.  
Figura 56 - Rua do Bairro Aldeota. Fonte: Foto da autora.  
Figura 57 - Rua no Bairro Aldeota. Fonte: Foto da autora.  
Figura 58 - Av. Santos Dumont. x Av. Des. Moreira. Fonte: Foto da autora.  
Figura 59 - Travessa no Bairro Aldeota. Fonte: Foto da autora.  
Figura 60 - Shopping de Rua na Aldeota. Fonte: Foto da autora.  
Figura 61 - Esquina na Aldeota. Fonte: Foto da autora.



46



Figura 62 - Mapa de Fortaleza. Fonte: GoogleEarth editado pela autora.



## SÍTIO

51

O terreno destinado ao projeto arquitetônico possui uma área de 9.950m<sup>2</sup> e possui os seguintes limites: Av. Desembargador Moreira  
Av. Des. Leite Albuquerque  
Rua Eduardo Girão  
Rua Vicente Leite

Anteriormente pertencia ao Exército Brasileiro antes de ser vendido para outros fins que não a utilidade pública sendo hoje é destino de um projeto da BSPAR.

A praça adjacente nunca recebeu nenhum tratamento paisagístico a não ser a iniciativa privada do empresário Assis Vieira Filho, que fez um curso de permacultura e se interessou em plantas mudas no local.

A mesma não possui nenhum zoneamento de usos, mobiliários urbanos ou sinalização. Somente os vendedores de flores estabelecidos em pontos de venda sem estrutura nenhuma.

## ÁREA DE INTERVENÇÃO

Delimitação da área de intervenção que tem características de linearidade contínua estabelecida pelo espaço das ruas.

São as ruas que contornam a poligonal das duas quadras anexas à praça do Hospital Militar e o quarteirão de casas residenciais do Exército Brasileiro recentemente vendido.

A delimitação, na verdade, se realiza no Projeto pela conectividade. Buscando criar,

oferecer e implantar inúmeros destinos e oportunidades para a exposição do cotidiano deste tecido urbano da cidade de Fortaleza.

Assim, a delimitação, sempre se estende para fora e para dentro de sua área, influenciando a realidade social, cultural, econômica, financeira, ecológica e de cidadania para reforçar com sustentabilidade o futuro urbano de Fortaleza.

52



Figura 64 - Rua Des. Leite Albuquerque x Rua Visconde de Mauá. Fonte: GoogleStreetView.



Figura 65 - Avenida Des. Moreira. Fonte: GoogleStreetView.



Figura 66 - Av. Des. Moreira x Rua Des. Leite Albuquerque. Fonte: GoogleStreetView.



Figura 67 - Rua Praça Eudoro Corrêa. Fonte: GoogleStreetView.



Figura 68 - Rua Eduardo Girão x Av. Des. Moreira. Fonte: GoogleStreetView.



Figura 69 - Avenida Desembargador Moreira. Fonte: GoogleStreetView.



Figura 70 - Mapa da Entorno. Fonte: GoogleEarth editado pela autora.

## CONCEITO

55

O projeto expo foi concebido reconhecendo a influência metropolitana de sua implantação na cidade de Fortaleza. Trata-se de uma iniciativa voltada para o cidadão, para todos, tendo assim um público coletivo e social como alvo.

A oportunidade da ideia do projeto EXPO decorre da preservação das qualidades ambientais, da melhoria da qualidade de vida proporcionada pelo projeto e pela manutenção de um ambiente harmônico numa das áreas mais adensadas da cidade de Fortaleza.

Essa proposta se define pela busca de total liberdade e pelo convite ao contato com a natureza introduzido sem a criação de obstáculos físicos, ou seja, numa arquitetura transparente.

Outro objetivo do projeto foi de integrar os fluxos existentes de pedestres, transeuntes e visitantes que se compõe de uma população advinda dos mais distantes pontos da região metropolitana de Fortaleza, ao mesmo tempo em que planejamos a introdução de um circuito de eventos, convívio, renda, emprego, ócio, etc.

O programa de necessidades arquitetônicas neste projeto espacializa o conceito acima da EXPO. As funções, as atividades e os usos dos espaços construídos, dos espaços criados e dos espaços utilizados, previmos realizar com a estratégia da flexibilidade. Onde produzimos pisos que permitirão o exercício pleno das mais diversas funções que deverão ocorrer ao longo do complexo.

Em seu livro, Jan Gehl defende o conceito de humanização das cidades e segundo ele, para que isso aconteça é necessária a criação de áreas de uso comum diversificado. Para Jan, é preciso que haja uma política urbana integrada a fim de desenvolver "cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis e a

construção de novas vias, que a princípio pode parecer uma solução aos olhos de um leigo, é um convite à aquisição e ao uso de mais carros.

Baseado nisso, o projeto tem em sua essência o interesse em estabelecer conexões entre os vários vetores de fluxos, movimentos e destinos. Pensamos numa arquitetura que acompanha e apóia os percursos ao invés de interrompê-los.

Essa arquitetura não se limita aos elementos construídos e nem ao mobiliário instalado, consiste na continuidade dos muitos espaços sobrepostos nos breves intervalos dando o sentido de permanência a todo passo de cada e percurso escolhido.

A melhor denominação para essa tipologia pensamos ser a exposição à cidade. Assim o termo EXPO resume muito bem nossa intenção de facilitar oportunidades de mostrar a arte, o artesanato, a gastronomia, e todas as manifestações possíveis reunindo no complexo todas essas programações culturais e tornando-o referência para o bairro e para a cidade. Um espaço para experimentar a liberdade.

## PARTIDO

O projeto arquitetônico é configurado de uma maneira simples, acessível, assimilável e familiar para as pessoas comuns que transitam pela área escolhida.

É preciso ressaltar que essa visão de não termos uma categoria de usuários específicos, amplia a abrangência, o enfoque e o alcance de benefícios e potencialidades previstos para a evolução desejada para um tecido urbano da nossa cidade que se encontra ameaçado de ser absolvido para fins privados.

Todas as estruturas, os sistemas construtivos, as instalações prediais e os acabamentos foram pensados para consolidar uma arquitetura resistente, duradoura, higiênica, saudável, didática, acessível, aberta, transparente, confortável e convidativa para o transeunte se sentir abrigado desde a sua aproximação.

Esse Projeto adota e assume os valores, as leis, as metas e os objetivos humanos acordados na ECO 92 e subseqüentes conferências da Agenda 21 e dos parâmetros de eficiência energética que se exige no mundo moderno.

Não criamos espaços restritos, limitados, nem fechados. Criamos ambientes contínuos, amplos, integrados à ambientes externos ainda maiores, concebidos para receber relações de acesso e extensão visual, paisagística e funcional.

Os ambientes pontualmente podem se mesclar com a sua vizinhança, podendo ocorrer muitas formas distintas de exposições da capacidade e do talento humano, reforçando valores locais e regionais como forma de expressão da nossa cultura cearense, nordestina, brasileira, global e universal.

Portanto, invadimos de sentido os espaços dos passeios públicos, dos canteiros centrais, das ruas, dos vazios e das quadras anexas com oportunidades de lazer, entretenimento,

cultura, arte, saúde e bem estar de formas cotidianas variadas, alternadas e intencionalmente diversificadas.

O design arquitetônico pauta pela simplicidade das formas articuladas em movimento dinâmico, de volumes, sombras, paisagem e pessoas em muitos ângulos.

As estruturas construídas podem manter e abrigar sem limites. As divisões serão resolvidas com componentes móveis de acordo com o uso.

O ambiente projetado se constituirá de um espaço contínuo atravessando jardins, exposições, galerias, reuniões, capoeira, cafés, conversas, leituras, etc.

Estamos transformando o bairro e a cidade através de um projeto que se estende pelas ruas, pelas praças, pelos shoppings, pelas lojas e pelo entorno.

56



5

PROJETO

SITUAÇÃO EXISTENTE

59

60

Av. Padre Antônio Tomás

Rua Osvaldo Cruz

Rua Visc. de Mauá

Rua Tôrres Câmara

Rua Des. Leite Albuquerque

Av. Santos Dumont

Av. Des. Moreira

Praça Eudoro Correia

Rua Barbosa de Freitas



Figura 71 - Mapa de Delimitação da área. Fonte: GoogleEarth editado pela autora.

## ESTRATÉGIAS

61

A incorporação da praça existente faz parte da estratégia do Projeto, indicando usos nas suas clareiras e aplicando princípios da permacultura com observação dos ciclos das espécies existentes. Outra ação é o cultivo de hortas, viveiro de mudas e banco de sementes com a organização das atividades comerciais de plantas que já funcionam lá.

Desse ponto de vista teremos a área dedicada essencialmente à educação ambiental, atividades esportivas, saúde, bem estar e ainda poderá abrigar feiras em eventos de ecologia em pequena escala. Uma praça quieta, de baixo impacto. Lugar de debate, percursos e oficinas no espaço aberto com o apoio da estrutura do EXPO.

O Projeto constitui-se de duas grandes zonas macro funcionais. A primeira na quadra da EXPO, agrupamos as funções e atividades para encontro e formas de convívio mais adensadas, podendo ter um grande público reunido num mesmo espaço. Na quadra da praça agrupamos funções que exigem maiores liberdades de movimentos e fluxos, caracterizando-se com baixa densidade de pessoas.

Para as vias usamos o nivelamento das mesmas com as calçadas, utilizando o mesmo tipo de material para induzir os condutores a diminuir a velocidade e mostrar a preferência do pedestre naquela área.

Formou-se no Projeto também uma forma muito mais dinâmica de centralidade porque todos os valores projetuais assumidos têm a intenção de expandir-se, de continuar pelos passeios, calçadas, ruas e edifícios de toda a área do entorno.



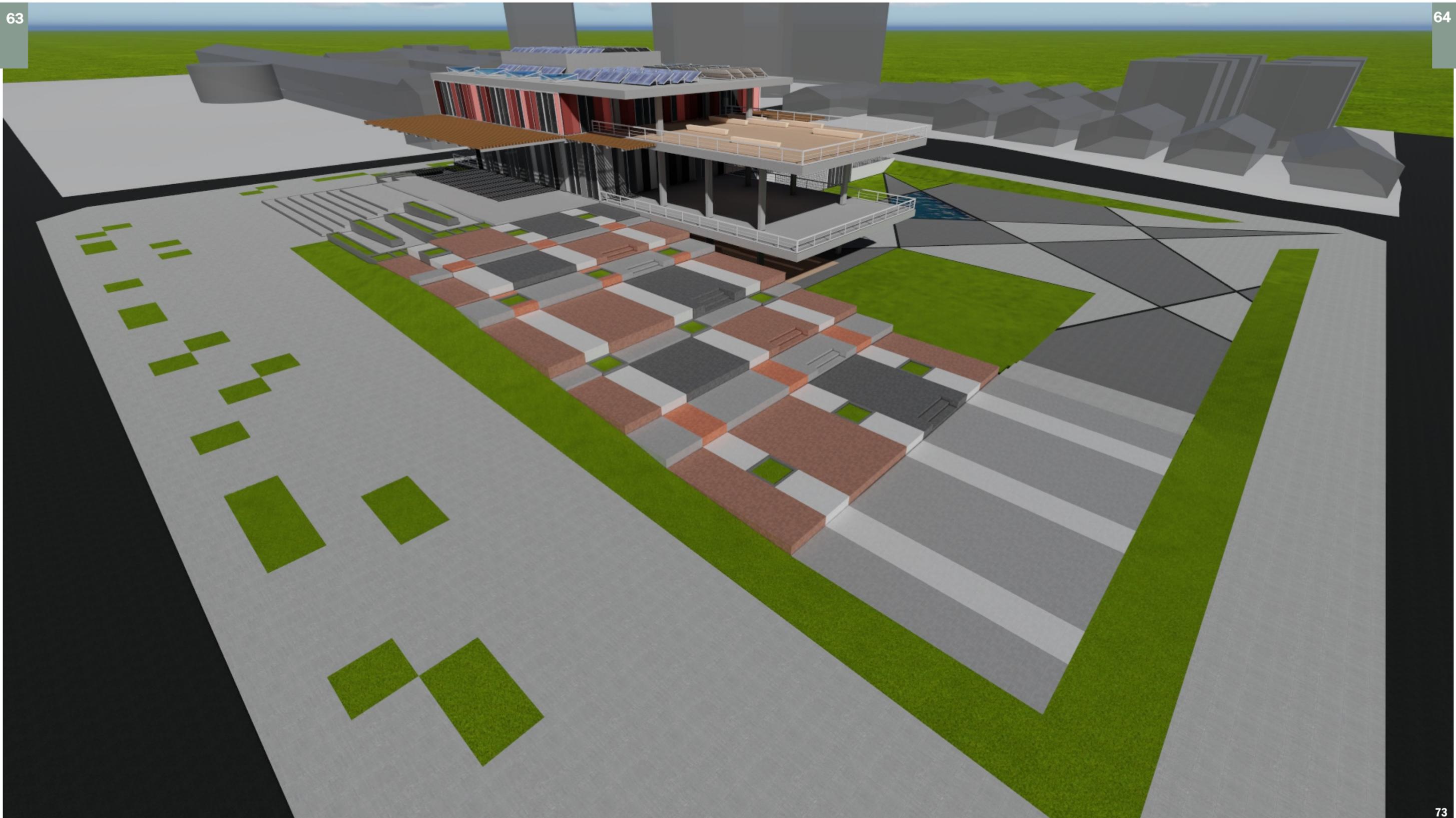
62

Figura 72 - Masterplan. Fonte: Feito pela autora.

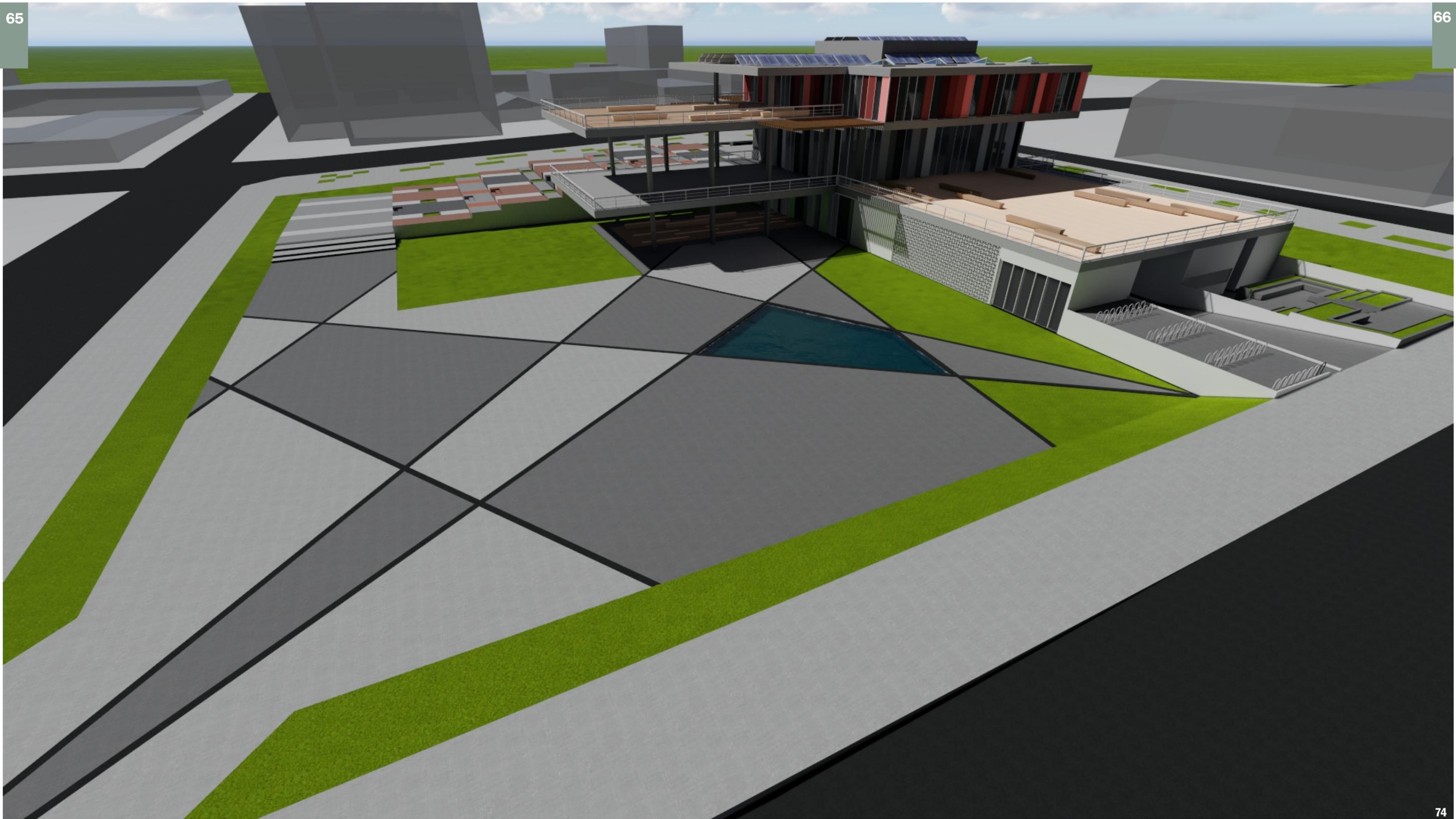
# PERSPECTIVAS

63

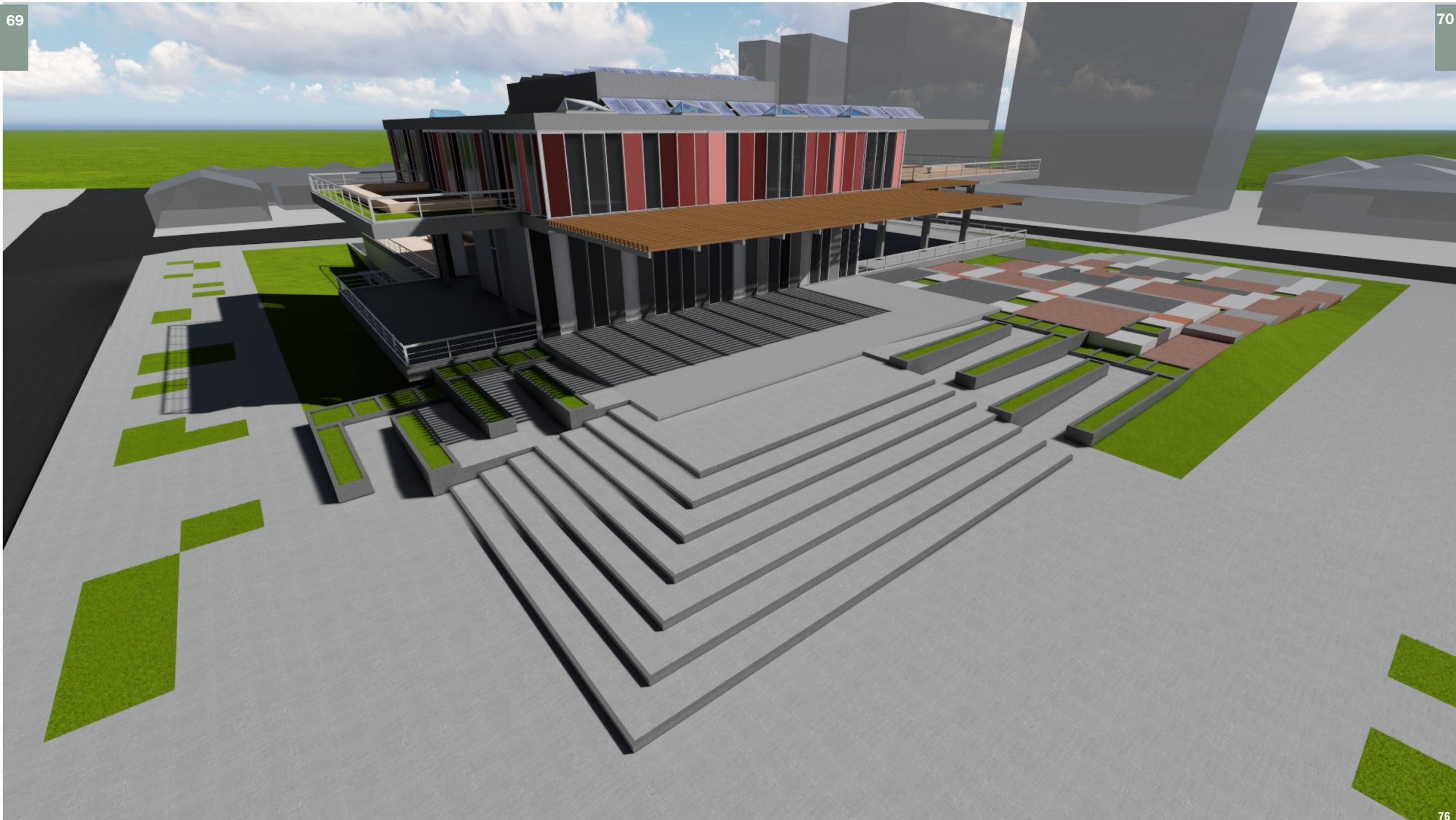
64



73

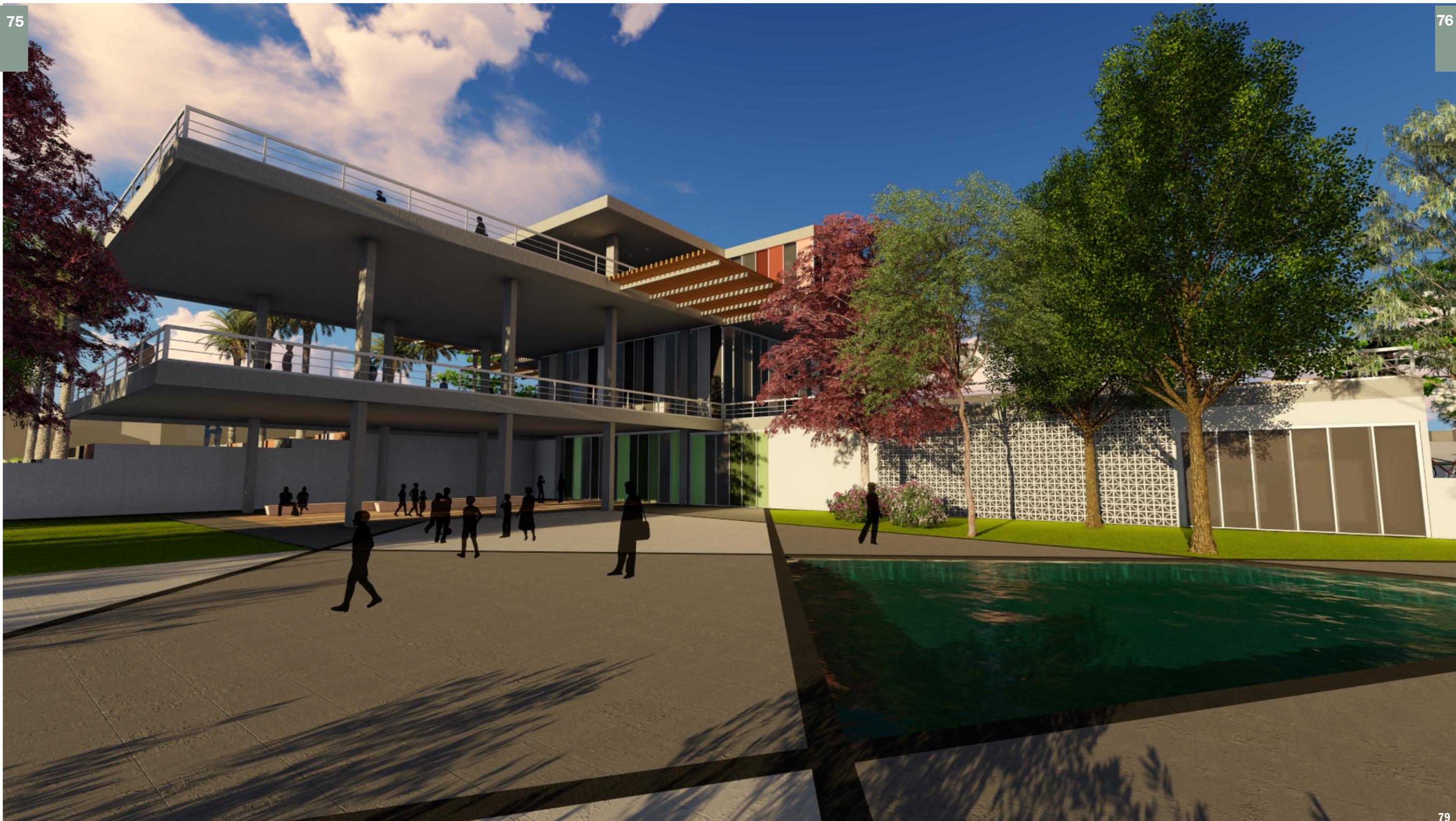


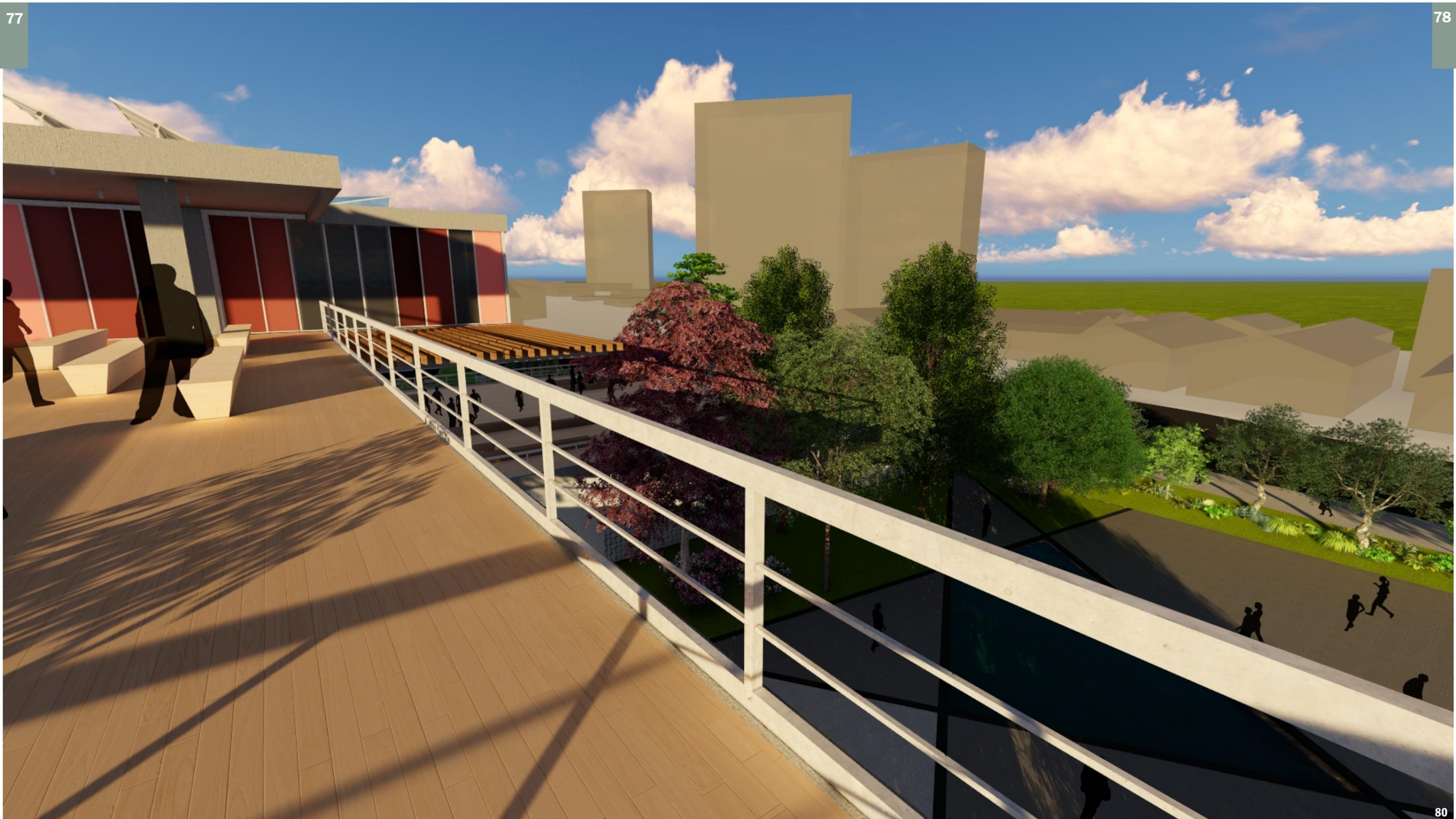




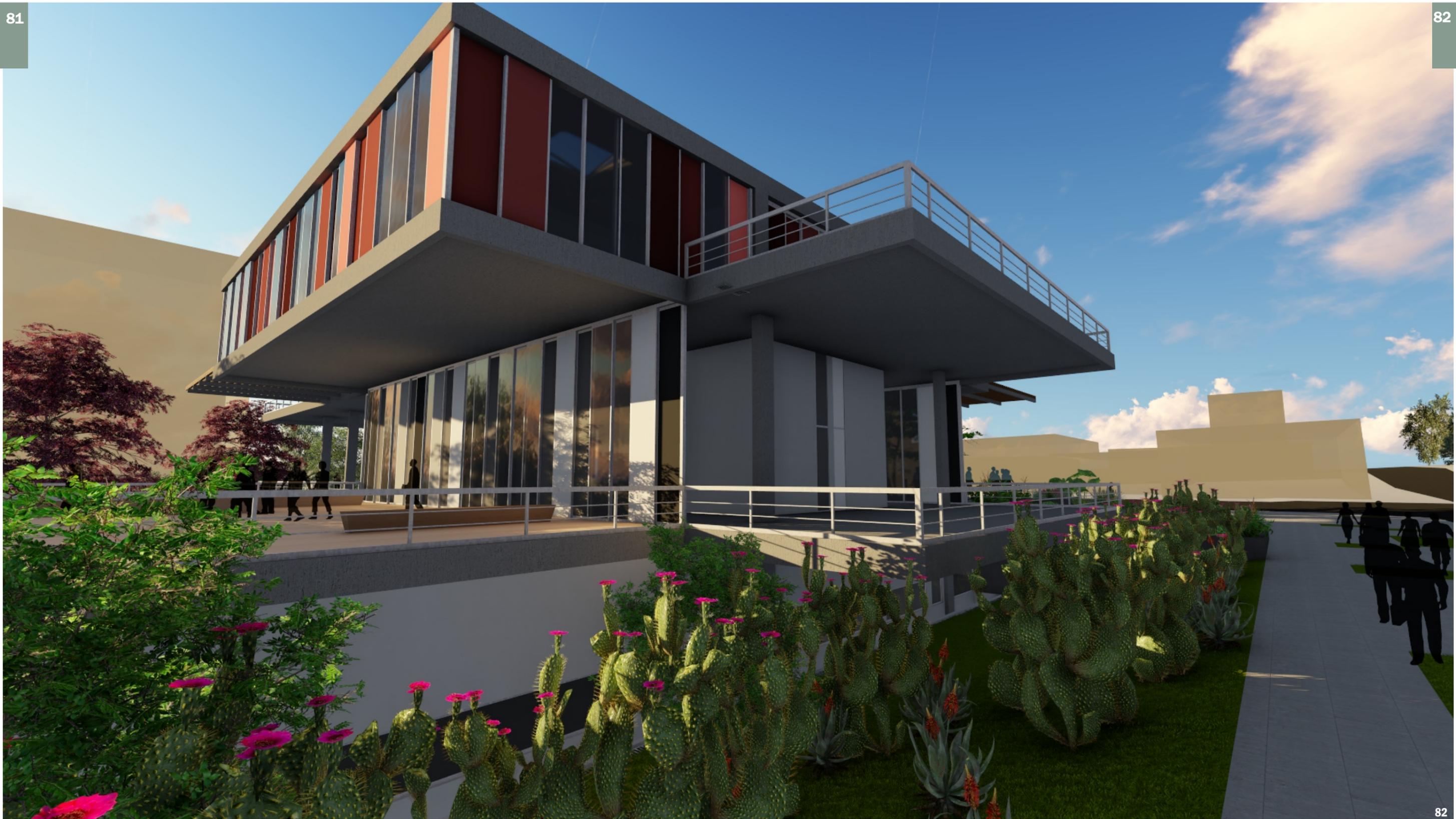


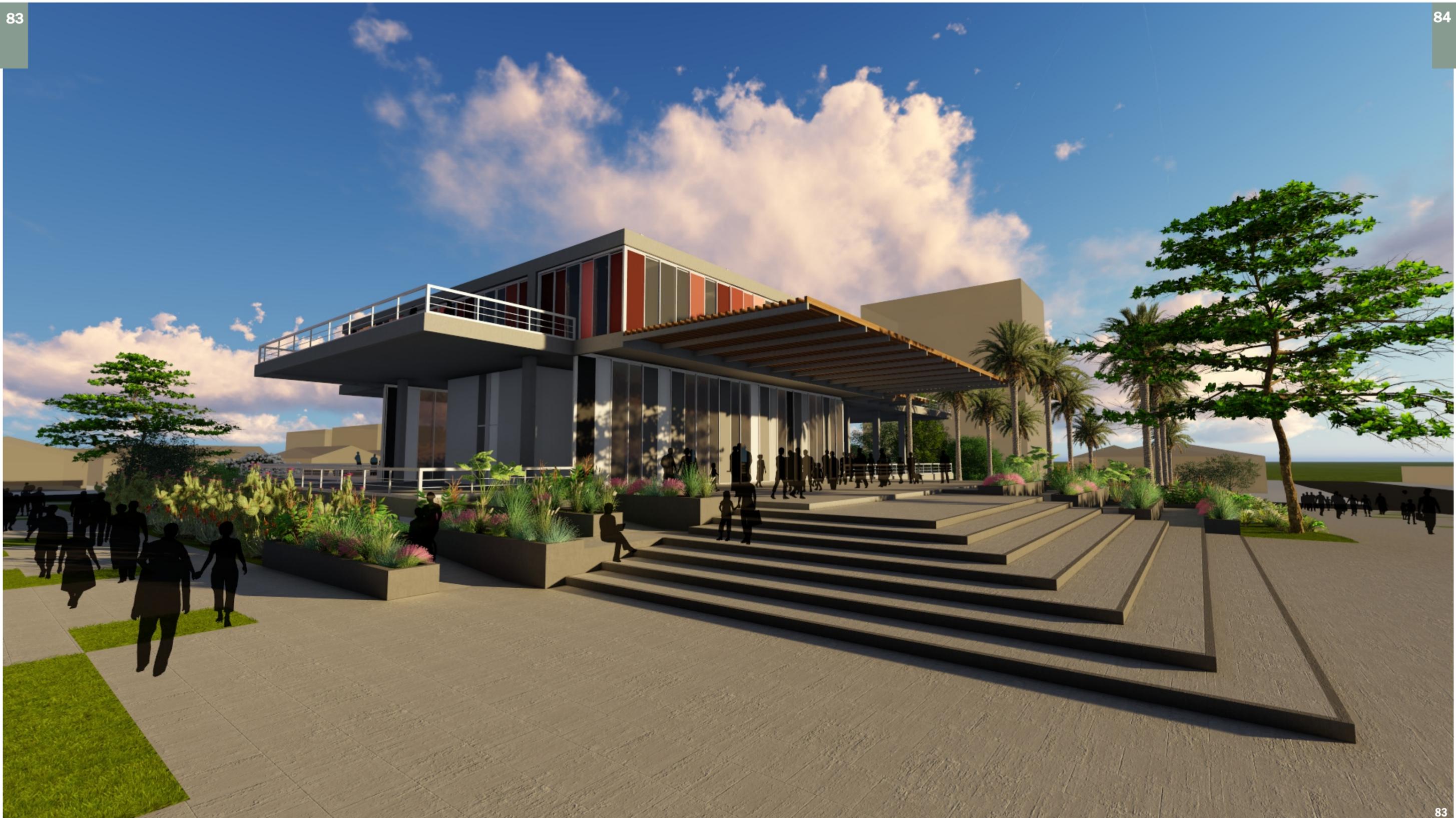






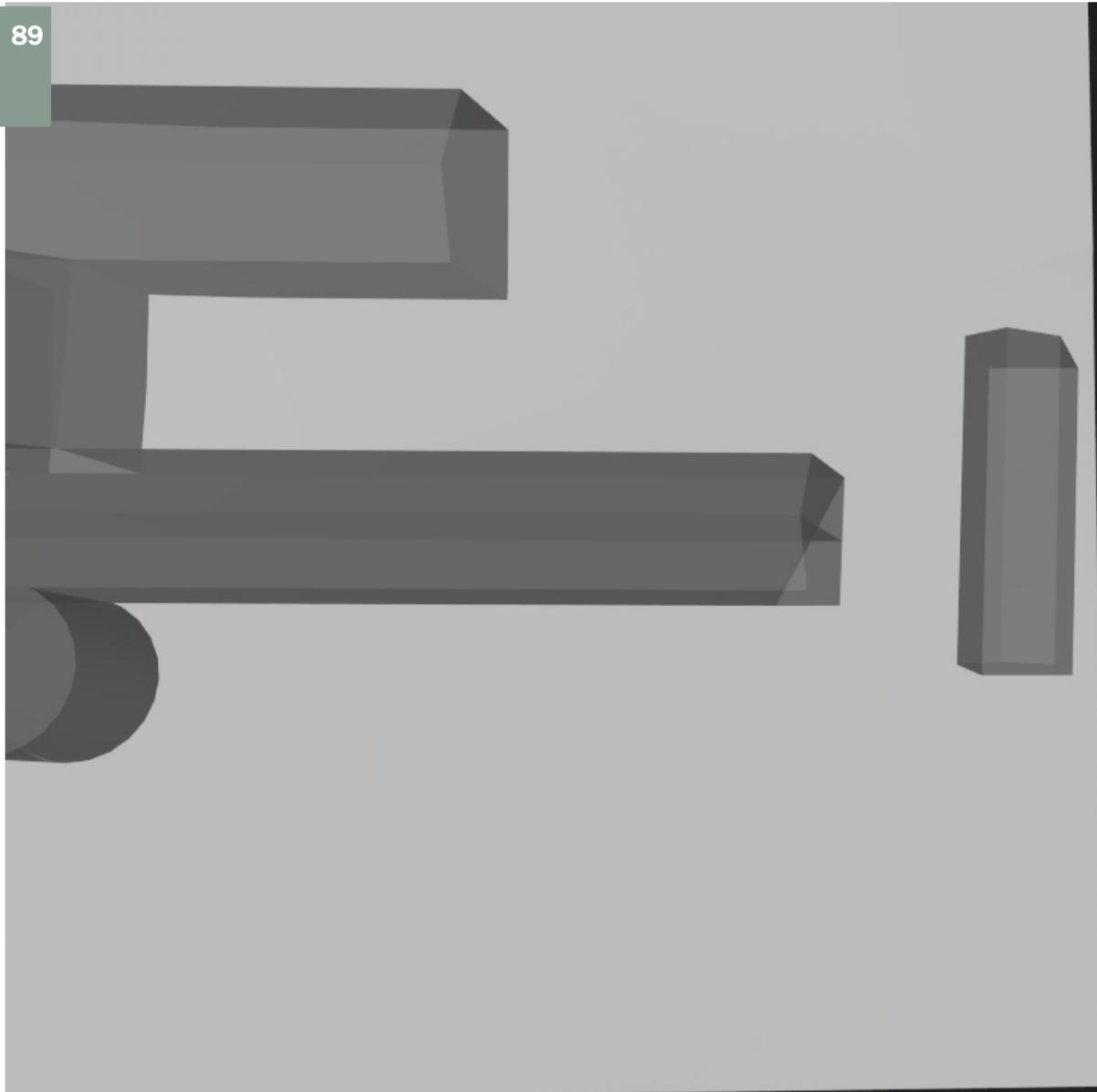












## LISTA DE PRANCHAS

91

- 01 - IMPLANTAÇÃO - SITUAÇÃO
- 02 - SUBSOLO - PAVIMENTO TÉCNICO
- 03 - TÉRREO - PRAÇA
- 04 - 1o PAV. - EXPOSIÇÕES
- 05 - 2o PAV. - BIBLIOTECA
- 06 - 3o PAV. - BARRILETE
- 07 - COBERTA
- 08 - CORTE LONGITUDINAL
- 09 - CORTE TRANSVERSAL
- 10 - FACHADA NORTE SUL
- 11 - FACHADA LESTE OESTE

## CONCLUSÃO

Este trabalho felizmente alcançou os objetivos determinados, ficando demonstrado com as condições acadêmicas, técnicas, sociológicas, tecnológicas e políticas que é possível encontrar soluções viáveis para os problemas humanos, urbanos e ambientais que a cidade apresenta e nos desafia diariamente.

Esse Projeto resulta de muitas camadas e de muitos fatores abordados. A imensa questão da solidão e individualidade humana, da marginalidade urbana, do desrespeito aos direitos humanos mais elementares, da injustiça social, política e econômica que prevalece com junto da total falta de segurança pública.

O Projeto tornou-se, enfim, um produto que não é somente material como o que se espera dos produtos arquitetônicos mas, aqui, o produto é a vivência e a experiência da condição humana respeitada e cumprida.

O Projeto ofereceu enormes e positivas influências em toda a cidade, alcançando benefícios num incontável número de pessoas de todas as idades.

Os parâmetros de custo e benefício são absolutamente favoráveis, tendo em vista a realização de uma obra relativamente barata, fácil de manter e sustentável.

## BIBLIOGRAFIA

BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. Editora Perspectiva, 2008.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. A formação do homem moderno vista através da arquitetura. Belo Horizonte, A&P Cultural, 1991.

COHEN, Jean Louis. Le Corbusier, Lirismo da Arquitetura da Era da Máquina. Editora Taschen, 2007.

GEHL, JAN. Cidade para pessoas. São Paulo. Editora Perspectiva, 2013.

HOLSTON, James. A cidade modernista. Companhia das Letras, 1993.

JACOBS, Jane. Morte e Vida das Grandes Cidades. Editora Martins Fontes, 2011.

LENGEN, Johan Van. Manual do Arquiteto Descalço. Editora Empório do Livro, 2009.

MONEO, Rafael. Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos. São Paulo. Editora Cosac Naify, 2008.

MONTANER, Josep Maria. Después del movimiento moderno. Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX. Barcelona, Editor Gustavo Gili, 1997.

MUNFORD, L. A cidade na história. Suas origens, transformações e perspectivas. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2011.

## LISTA DE FIGURAS

### PÁGINA

|   |    |   |    |
|---|----|---|----|
| Figura 01: Capa do filme Medianeiras. Fonte: Internet.  | 13 | Figura 58 - Av. Santos Dumont. x Av. Des. Moreira. Fonte: Foto da autora.               | 46 |
| Figura 02: Foto aérea de Fortaleza. Fonte: Régis Capibaribe.                                    | 13 | Figura 59 - Travessa no Bairro Aldeota. Fonte: Foto da autora.                          | 46 |
| Figura 03: Take do filme Medianeiras. Fonte: Internet.  | 13 | Figura 60 - Shopping de Rua na Aldeota. Fonte: Foto da autora.                          | 46 |
| Figura 04: Croqui do terreno. Fonte: Autora.  | 17 | Figura 61 - Esquina na Aldeota. Fonte: Foto da autora.                                  | 46 |
| Figura 05: Croqui de um corte. Fonte: Autora..  | 17 | Figura 62 - Mapa de Fortaleza. Fonte: GoogleEarth editado pela autora.                  | 48 |
| Figura 06 - R. Guilherme Rocha, primeira rua de pedestres da cidade. Fonte: Fortaleza em Fotos. | 22 | Figura 63 - Mapa da Entorno. Fonte: GoogleEarth editado pela autora.                    | 50 |
| Figura 07 - Homem no banco da Av. Beira Mar. Fonte: Foto da autora.                             | 22 | Figura 64 - Rua Des. Leite Albuquerque x Rua Visconde de Mauá. Fonte: GoogleStreetView. | 51 |
| Figura 08 - Praça da Gentilândia. Fonte: Foto da autora.  | 22 | Figura 65 - Avenida Des. Moreira. Fonte: GoogleStreetView.                              | 51 |
| Figura 09 - Camelôs Mercado Central. Fonte: Diário do Nordeste                                  | 22 | Figura 66 - Av. Des. Moreira x Rua Des. Leite Albuquerque. Fonte: GoogleStreetView.     | 51 |
| Figura 10 - Rede na rua Senador Pompeu. Fonte: Foto da autora.                                  | 22 | Figura 67 - Rua Praça Eudoro Corrêa. Fonte: GoogleStreetView.                           | 51 |
| Figura 11 - Praça da Gentilândia. Fonte: Foto da autora.  | 22 | Figura 68 - Rua Eduardo Girão x Av. Des. Moreira. Fonte: GoogleStreetView.              | 51 |
| Figura 12 - Duelo de Mc´s Viaduto em BH. Fonte: Foto da autora.                                 | 22 | Figura 69 - Avenida Desembargador Moreira. Fonte: GoogleStreetView.                     | 51 |
| Figura 13 - População de rua no centro de Fortaleza. Fonte: Francisco Castro.                   | 25 | Figura 70 - Mapa da Entorno. Fonte: GoogleEarth editado pela autora.                    | 53 |
| Figura 14 - Praça em Burity, São Paulo. Fonte: Internet.  | 25 | Figura 71 - Mapa de Delimitação da área. Fonte: GoogleEarth editado pela autora.        | 59 |
| Figura 15 - Encontro de estudantes em Belo Horizonte. Fonte: Foto da autora.                    | 25 | Figura 72 - Masterplan. Fonte: Feito pela autora.                                       | 62 |
| Figura 16 - Praça do Hospital Militar em Fortaleza. Fonte: Régis Capibaribe.                    | 25 | Figura 73 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 65 |
| Figura 17 - Praça em Pacatuba. Fonte: Opovo Online.   | 26 | Figura 74 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 67 |
| Figura 18 - Espaço Público em Manaus. Fonte: Internet.  | 26 | Figura 75 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 69 |
| Figura 19 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 31 | Figura 76 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 71 |
| Figura 20 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 31 | Figura 77 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 73 |
| Figura 21 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 31 | Figura 78 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 75 |
| Figura 22 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 31 | Figura 79 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 77 |
| Figura 23 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 31 | Figura 80 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 79 |
| Figura 24 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 31 | Figura 81 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 81 |
| Figura 25 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 32 | Figura 82 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 83 |
| Figura 26 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 32 | Figura 83 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 85 |
| Figura 27 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 32 | Figura 84 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 89 |
| Figura 28 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 32 | Figura 85 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 91 |
| Figura 29 - Projeto Onda do Bem no Titanzinho. Fonte: Beatriz Sabóia.                           | 32 | Figura 86 - Perspectiva. Fonte: Renderizado pela autora.                                | 93 |
| Figura 30 - Restaurante SESC Pompéia. Fonte: Internet.  | 36 |   |    |
| Figura 31 - SESC Pompéia, São Paulo. Fonte: Internet.   | 36 |   |    |
| Figura 32 - Edifício SESC Pompéia. Fonte: Internet.   | 36 |   |    |
| Figura 33 - Espaço de Convivência. Fonte: Internet.   | 36 |   |    |
| Figura 34 - Passarela SESC. Fonte: Internet.  | 36 |   |    |
| Figura 35 - SESC Pompéia. Fonte: Internet.  | 36 |   |    |
| Figura 36 - Marquise de Entrada do Pavilhão. Fonte: Internet.                                   | 38 |   |    |
| Figura 37 - Interior do Pavilhão. Fonte: Internet.  | 38 |   |    |
| Figura 38 - Pavilhão da Bienal. Fonte: Internet.  | 38 |   |    |
| Figura 39 - Evento no Pavilhão. Fonte: Internet.  | 38 |   |    |
| Figura 40 - Passarelas. Fonte: Internet.  | 38 |   |    |
| Figura 41 - Vista externa do Pavilhão. Fonte: Internet.   | 39 |   |    |
| Figura 42 - Escala humana. Fonte: Internet.   | 39 |   |    |
| Figura 43 - Fachada. Fonte: Internet.   | 39 |   |    |
| Figura 44 - Detalhe construtivo. Fonte: Internet.   | 40 |   |    |
| Figura 45 - Interior da Rodoviária. Fonte: Internet.  | 40 |   |    |
| Figura 46 - Embarque e Desembarque. Fonte: Internet.  | 40 |   |    |
| Figura 47 - Pátio interno. Fonte: Internet.   | 40 |   |    |
| Figura 48 - Aberturas para Iluminação. Fonte: Internet.   | 40 |   |    |
| Figura 49 - Mube. Fonte: Internet.  | 41 |   |    |
| Figura 50 - Viga. Fonte: Internet.  | 41 |   |    |
| Figura 51 - Salão de exposições. Fonte: Internet.   | 41 |   |    |
| Figura 52 - Em baixo da viga. Fonte: Internet.  | 41 |   |    |
| Figura 53 - Mube ocupado. Fonte: Internet.  | 41 |   |    |
| Figura 54 - Praça Portugal. Fonte: Foto da autora.  | 46 |   |    |
| Figura 55 - Praça Portugal, São Paulo. Fonte: Foto da autora.                                   | 46 |   |    |
| Figura 56 - Rua do Bairro Aldeota. Fonte: Foto da autora.                                       | 46 |   |    |
| Figura 57 - Rua no Bairro Aldeota. Fonte: Foto da autora.                                       | 46 |   |    |

